

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE**



DISSERTAÇÃO

***O jeito Xavante de torcer:
formação de memórias em uma torcida de futebol***

Luciano Jahnecka

ORIENTADORA: Profa. Dra. Méri Rosane Santos da Silva

CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

PORTO ALEGRE, RS

2010

Luciano Jahnecka

DISSERTAÇÃO

*O jeito Xavante de torcer:
formação de memórias em uma torcida de futebol*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Méri Rosane Santos da Silva
Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Porto Alegre, 2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Méri Rosane Santos da Silva – FURG (Orientadora)

Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro – FURG

Prof. Dra. Eliane Ribeiro Pardo – UFPel

Profa. Dr. Silvio Ricardo da Silva – UFMG

AGRADECIMENTOS

Mesmo correndo o risco de ser afetado por uma importante dimensão sem a qual a memória e o ser humano não sobreviveriam, neste momento, o esquecimento não é motivo para comemorações.

Em primeiro lugar à Izolina Anita, que sempre investiu em minha formação dando suporte material e afetivo para uma Educação pública, gratuita e qualificada. Também mostrou que é possível constituir a si em um outro modelo de família, sendo ao mesmo tempo pai e mãe.

Ao Rigo pela convivência de quase 6 anos, durante os quais, por meio das conversas e práticas futebolísticas me desafiou a enveredar pelos caminhos de monitorias, iniciação científica e agora, co-orientador deste trabalho. Meu especial obrigado.

À Méri por aceitar o desafio das orientações, pela atenção dedicada à leitura dos textos, pela parceria nos congressos e por ter muita paciência com meu afastamento do trabalho acadêmico.

À Eliane por ser minha desorientadora e aceitar o convite para avaliar a continuação de minha formação acadêmica e aos membros da banca, Paula Regina e Silvio Ricardo da Silva pelas atenções acadêmicas.

À ESEF-UFPEL e ao PPG Educação em Ciências da UFRGS, seus funcionários, professores e colegas, pela educação pública, gratuita, qualificada, e pelos contatos produtivos proporcionados durante a graduação e o mestrado. Em especial ao pessoal do D.A. pelos muitos tipos de produção.

Às conversas filosóficas e constantes troca de experiências dos amigos Inácio, Alan, Ícaro, Bruno, Gregore, Guedes, Márcio (penha) que me acompanham de longa data, e outros recentes que também têm minha confiança: Thiago(facinho), Esther, Verner, Mari, Graci, Henrique e Lulu. À Tati pelas afinidades, entre elas, cuidar do Duizinho.

Aos colegas de profissão Vivi, Gustavo, Cátia, Billy, Roger, André e Augusto, pelas parcerias, e ao grupo de estudo e trabalho da FURG pela leitura desse trabalho em nossos seminários.

À Marília pelo carinho e afetos atuais.

Aos colegas de trabalho e alunos do IFSUL, pela experiência e contatos diários.

Essa pesquisa etnográfica é dedicada àqueles que tornaram possível sua realização, os Xavantes. Em especial: Marcelo Barboza, Tiago Bündchen, Cláudio Andrea, Ronaldo, Tomás, Diogo, Aldo, Brahm e Marina Tavares.

RESUMO

Em uma investigação das práticas torcedoras presentes em um estádio de futebol, esta pesquisa aborda a formação de memórias como elemento produtor de sujeitos. Estes torcedores mantêm vínculos muito particulares com o futebol e com uma instituição inserida no modelo de futebol de espetáculo, considerando-se a relação torcedor-torcedor e torcedor-clube. Com especial atenção aos rituais que acontecem antes, durante e depois dos jogos, o estudo traz a tona quais os dispositivos de memória são construídos a partir desses rituais.

Com o auxílio da participação observante, é identificado como os torcedores do Grêmio Esportivo Brasil se relacionam e se manifestam no estádio do clube. Diante das singularidades da memória coletiva produzidas pelos torcedores – como em um jogo no ano 1946 – foram se construindo elementos que passaram a nomear a torcida através da figura do “índio xavante”. A *violência e fidelidade* que estão contidas nesse símbolo são produções que rondam os torcedores xavantes e com o tempo se alteram e são acessados por meio das práticas dos torcedores.

Partindo da memória como elemento norteador do processo investigativo e analítico, o investimento nesta pesquisa se faz por meio de práticas sociais que toma o estádio de futebol e as práticas educativas relacionadas ao torcer como elemento de análise, tendo como foco as interações entre o fazer ciência e a produção dos sujeitos. Além disso, visa compreender como os discursos e as práticas atuam na produção de "verdades" e dos sujeitos – no caso desta pesquisa, os *torcedores xavantes* –, engendrados através das práticas da memória.

Enfrentada pelo único limite que é a morte dos indivíduos, a memória social dos torcedores xavantes ocupa um espaço privilegiado para se pensar suas práticas torcedoras atuais. Após a criação de vínculos com o clube, realizadas por práticas cotidianas que se defrontam os sujeitos no estádio, o pertencimento clubístico parece demarcar fortemente o que se esquece e o que não se quer esquecer. Através da ligação entre torcedores e clube, encontrada em uma rede sociabilidade que é constituída dentro do Grêmio Esportivo Brasil, os torcedores se reconhecem como sujeitos torcedores deste clube.

Palavras chaves: futebol, torcidas, memória, participação-observante, xavante, etnografia.

ABSTRACT

In an investigation of fans practices in a football stadium, this research approaches the formation of memories as a subject's producer. These fans are closed and keep special link with football and an institution in the soccer spectacle model, considering the relationship between fan-fan and fan-club. With special attention to the rituals that occur before, during and after the games, the study brings out which mechanisms of the memory are constructed from these rituals.

With the help of observatory participation, is identified how the fans of Grêmio Esportivo Brasil are related and manifests themselves in the football stadium. The collective memory peculiarities produced by the fans - as in a game in 1946 - were built elements that configure the Xavante Indians symbols. *Violence* and *loyalty* that are contained in this symbol Xavante are fans productions which changes by time and are accessed through the practices of the fans.

Starting from the memory as a guiding element of investigative and analytical process, the investment in this research is done through social practices that take the football stadium and educational practices related to support as analysis element, focusing on the interaction between doing science and production of subjects. Moreover, it aims to understand how discourses and practices operate in the production of "truths" and subjects – in the case of this research, xavante's fan – engendered through memory's practices.

Faced by the only limit that is the death of individuals, the social memory of Xavante's fans occupies a privileged space to think about their current fans practices. After the establishment of links with the club, made by everyday practices faced by subjects in the stadium, belonging to a club seems to strongly demarcate what is forgotten and what you do not want to forget. Through the connection between fans and club, found in a sociability's network that is formed within Grêmio Esportivo Brasil, the fans recognizes themselves as subjects fans of this club.

Key-words: soccer, fans, memory, observatory participation, xavante, ethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Os Mal-Ditos Xavantes: a formação de memórias em uma torcida de futebol

Figura 01	Torcedores na arquibancada do Estádio Bento Freitas em dia de jogo	25
Figura 02	“a maior e mais fiel torcida do interior”	30
Figura 03	Tensões entre polícia e torcedores	30
Figura 04	“Bem-vindos ao inferno”	31

Olhando futebol: o jeito Xavante de torcer

Figura 01	Movimentação dos torcedores pré-jogo	56
Figura 02	Visão da arquibancada ao campo de jogo	57
Figura 03	Ocupação da arquibancada	58
Figura 04	“Cadeiras sociais” do estádio Bento Freitas	62
Figura 05	Marcas de um protagonismo torcedor	64
Figura 06	Sob o “bandeirão”	64

SUMÁRIO

01. Notas Introdutórias	10
1.1. Referências bibliográficas	17
02. Os Mal-Ditos Xavantes: a formação de memórias em uma torcida de futebol	19
2.1. Sobre memória: indicações teóricas prévias	19
2.2. Sobre a formação de memórias	21
2.3. Tornando-se torcedor: a opção pela participação observante	23
2.4. Afinal, que diabos são esses <i>xavantes</i> ?	25
2.5. Discutindo memória coletiva	31
2.6. Conclusão	34
2.7 Referências bibliográficas	35
2.8 Fontes orais	36
03. Olhando futebol: o jeito Xavante de torcer	37
3.1. Introdução	37
3.2. Historicizando futebol: macro e micro-histórias coletivas	38
3.2.1. Futebol: aceitação e popularização	38
3.2.2. Da popularização à espetacularização	42
3.3. A criação do ato de torcer: viradas torcedoras, platéia, acompanhamento e espetacularização das torcidas de futebol.	45
3.3.1. Primeiras marcas do torcer	45
3.3.2. Torcer Coletivamente	49
3.4. Opções clubistas: as formas xavantes de torcer	50
3.4.1 O jeito Xavante de torcer	52
3.5. Práticas de liberdade exercidas pelo e no futebol	67
3.6. Referências bibliográficas	68
3.7. Fontes orais	70
3.8. Outras fontes	70

04. Campo de disputas: formação de memórias em torcedores de futebol	71
4.1 Referências bibliográficas	73

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O que significa então falar em seu próprio nome e não pelos outros? Evidentemente não se trata de cada um ter sua hora da verdade, nem escrever suas Memórias ou fazer sua psicanálise: não é falar na primeira pessoa do singular. É nomear as potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando tentamos atingir um objetivo, e só tomamos consciência do objetivo em meio ao combate¹.

A passagem acima foi extraída da entrevista de Gilles Deleuze ao comentar sua condição de autor no livro sobre Michel Foucault². Não se trata de uma biografia, tampouco de um resumo da obra. Mais que falar pelo autor, colega e amigo Michel Foucault, neste livro, Deleuze atua através de uma ligação entre os dois que ele mesmo define como “uma transversal, uma diagonal que iria forçosamente dele até mim (não tenho escolha), e que dissesse alguma coisa dos seus objetivos e dos seus combates como os percebi”³. Aquilo que o afeta na obra de Foucault, aproximando ou o afastando, e, ao mesmo tempo, encontra forças produtivas para construir uma terceira dimensão, que não seria nem dele (Deleuze) tampouco do próprio autor (Foucault). Uma dimensão constituída pelo encontro Foucault-Deleuze.

Assim como Deleuze, a pesquisa a seguir não tenta falar em nome de alguém ou de algo. Situada em uma zona de fronteira entre áreas do conhecimento, esta pesquisa parte de pressupostos advindos das Ciências Humanas presentes na Educação Física, atuando como uma espécie de contrabandista de saberes⁴. Uma composição que pega daqui e dali para transformar-se em algo singular, até mesmo impróprio, que não tem propriedade e que se esgota em si mesmo.

¹ Rachar as coisas, rachar as palavras, página 111, no livro: DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

² DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

³ Idem, p.111.

⁴ Seria muita pretensão utilizar a nomeação recebida por Edgar Morin na coletânea de entrevistas “Do caos à inteligência artificial” para tentar descrever as relações particulares que se encontram na presente pesquisa. Entretanto, a crítica ao pensamento reducionista contido na tese da sociobiologia, questiona a separação entre gene e o indivíduo vivo. A compreensão de que o ser humano atua em uma rede complexa de relações entre o físico, biológico e o social, é o ponto de contato estabelecido com o trabalho do autor. Para mais, consultar o capítulo: “Edgar Morin, contrabandista dos saberes”. IN: PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

Não possuindo um lugar cômodo, ela tem um lugar próprio que quando se percebe já não é mais. Trabalha na perspectiva de uma implosão com as áreas do conhecimento para se servir daquilo que necessitava para a sua construção.

A construção desta pesquisa atua através de dois desdobramentos. O primeiro refere-se a uma condição de transição ou de metamorfose das áreas do conhecimento. Talvez um ponto de encontro de áreas do conhecimento, ou mais que isso, não encontra divisão entre o conhecimento, uma não-disciplinariedade. Um movimento que ao invés de pensar um todo separado em partes, racha o conhecimento para sua proliferação. A presente pesquisa não fala por ninguém e não espera nada para além dela mesma, desde seu começo não possuía e não quis esse direito.

O segundo desdobramento parte dessa abertura no conhecimento e diz respeito à relação entre o autor-pesquisador-participante e o grupo pesquisado, na qual é possível produzir a mediação do conhecimento e não sua apropriação. Uma atividade que também não fala pelo objeto de pesquisa, mas que através dele analisa sua produção. A condição de participante-observador, conforme será visto na metodologia da pesquisa dos artigos, oferece a possibilidade de uma condição diferenciada de imersão no campo empírico.

No caso desse estudo, os sujeitos que fazem parte de um modo de vinculação a uma instituição que tem na prática do futebol sua principal atividade, como veremos, estão sendo chamados de “xavantes” e compõem um apreço clubístico ao Grêmio Esportivo Brasil. Como foco de análise, a pesquisa centrou-se na estratégia de analisar o público frequentador deste clube de futebol. Tomadas essas orientações, a proposta da presente pesquisa consiste em analisar os processos de formação de Memórias a partir de um fenômeno contemporâneo bastante singular, uma torcida de futebol.

Há mais de um século, logo quando o futebol que conhecemos atualmente foi importado pelo Brasil, observadores começavam a acompanhar o esporte com certa regularidade e, algum tempo depois, foram constituindo grupos de afeição a uma instituição. Reproduzida e altamente ramificada, esta filiação simbólica e/ou material, constitui o que chamamos hoje de torcidas de futebol.

Se perguntarmos a um torcedor de futebol – elemento básico que compõe o organismo plural que se constitui uma torcida – quais são as lembranças carregadas dos jogos que vivenciou, certamente ficaríamos horas escutando descrições minuciosas sobre a prática futebolística. Mesmo dividindo suas atenções com outras atividades em sociedade,

como o trabalho, por exemplo, um torcedor possui uma relação orgânica com o futebol e com o seu clube.

Se uma jornada de trabalho pode chegar a durar oito horas por dia, totalizando quarenta horas por semana, como uma atividade que tem duração de dois tempos de quarenta e cinco minutos, permanece tão viva e por tanto tempo nas lembranças desses indivíduos? Muito mais do que explicar os motivos de tamanha afeição, a pesquisa trata de analisar como as memórias de um grupo são propagadas por esse modo específico de relações, ou seja, torcedor e futebol.

A cada final de semana, o futebol mobiliza uma quantidade significativa de brasileiros. A rotina de ruas próximas a um estádio de futebol altera-se substancialmente pelas reações e nos modos de vestir das pessoas, sem falar nos aumentos consideráveis do tráfego urbano de automóveis e humano nos transportes coletivos. As segundas-feiras pós-futebol são marcadas por reações jocosas, discussão sobre os lances dos jogos e classificação dos clubes no campeonato, além da especulação para os próximos jogos.

Conforme já assinalado, embora houvesse uma existência de poucos mais de cem anos, a relação entre torcedores e futebol começa a ser alvo de pesquisas acadêmicas na década de 80. Já a relação entre memória e torcedores de futebol vem sendo analisada principalmente através de estudos históricos sobre as torcidas e sobre as formas de organização de torcedores⁵. Nesses estudos, impressiona a quantidade de histórias que podem ser contadas a partir do envolvimento entre os torcedores e seus clubes.

Tanto qualitativa quanto quantitativamente podemos considerar o espaço do estádio um lugar privilegiado para a formação de memórias⁶. Como estratégia de análise, a memória vem a ser entendida aqui como um processo que está fundado em nosso saber, que está em um perene processo de criação, afetada diretamente por aquilo que acontece no presente. Não se refere unicamente ao passado, mas ela, a memória, se refere ao

⁵ Um bom fichamento desses estudos pode ser encontrado em: SILVA, Sílvio Ricardo. *Tua imensa torcida é bem feliz...* da relação torcedor com o clube. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001.

⁶ A discussão feita entre história e memória pode ser acompanhada através das leituras de Maurice Halbwachs e Pierre Nora, como fez Márcia Manson D'Aléssio (1993). Segundo a análise dos autores “a memória social é sempre vivida, física ou afetivamente” (1993, p. 98), ela “não faz ruptura entre o passado e o presente” tornando-se “um celeiro inesgotável de possibilidades de lembranças” (1993, p. 99). A história, por sua vez, é a forma como as lembranças podem permanecer após a extinção dos grupos, “é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” de Maurice Halbwachs, citado por D'Aléssio (1993). Para mais, ver: D'ÁLESSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, nº 25/26, pp. 97-103, setembro 1992/Agosto de 1993.

passado pelo presente. Essa estratégia remete a dois cuidados com os quais o leitor deve tomar cuidado.

O primeiro refere-se ao modo particular que a memória está sendo entendida, tendo em vista outras concepções que podem nomeá-la e entendê-la de diferentes formas. Alio aqui, os conhecimentos que foram produzidos a partir da perspectiva que entende a memória como algo que está em meio a um processo constante de construção na vida de um ser humano (teses sociológicas), reconhecendo ainda as contribuições que a entendem como um componente inerente ao indivíduo (teses biológicas).

Imerso em relações sociais, na postura teórica adotada durante a construção desta pesquisa, não existe indivíduo. Esta pesquisa serve-se das Ciências Humanas em uma forte aproximação com os Estudos Culturais, entendendo que o sujeito se constrói nas relações do grupo, se retirar essas relações o que se destaca são as opções ética-estéticas, ou seja, um modo de existência⁷, como este sujeito lida com o grupo. Estas relações são exigências de uma socialização para sua “entrada” em um ou mais grupos. No trabalho, na escola, na família ou em um estádio de futebol, o sujeito não deve ser considerado apenas como um elemento ou fato isolado que compõe o meio em questão, entendendo que em sua constituição ele próprio assume condutas frente a esses espaços.

O segundo cuidado a ser tomado, ao realizar a leitura desta pesquisa, diz respeito à seleção do meio para o estudo da memória. Um estádio de futebol tornou-se um espaço de trocas afetivas muito densas na vida moderna, trazendo para o cotidiano, não somente a incorporação de um *habitus*⁸, mas de uma relação diferenciada com o corpo e os objetos que constituem aquele espaço. Tamanha foi a aproximação do esporte com a vida em sociedade, que em uma simples observação de jogos improvisados – chama-se de “pelada” – é possível perceber técnicas reproduzidas do universo futebolístico profissional, assim como, por exemplo, vestimentas muito particulares que trajam os jogadores de futebol. A criação de um novo drible, bem como a camiseta que um grande “craque” usa em uma

⁷ A partir da perspectiva Foucaultiana, embora haja uma produção na constituição do sujeito feita pelas relações que este estabelece com um grupo e da elaboração de uma identidade assumida como própria, existe uma relação que é feita consigo, própria do sujeito, que determina o modo como ele se reconhece, adota posturas e encontra-se em um grupo diante de regras, códigos, princípios, valores. Para mais, consultar: FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

⁸ Conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu sendo “o produto de um trabalho social de nomeação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada”. (p.64). BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

partida de futebol, não raro, encontra-se nesse “futebol de esquina”, elementos que passaram a sinalizar a extensão do alcance do futebol.

Ainda, será possível notar através da presente leitura a singularidade do grupo estudado, o qual se encontra imerso em um modelo muito particular de futebol. Atualmente, existem diferentes modos de acompanhar um jogo de futebol, logo, o que será analisado no presente estudo se deu por meio da inserção em um grupo de torcedores de um clube, o qual faz parte daquilo que Arlei Damo chamou de “*matriz espetacularizada*”⁹.

É dentro dessa matriz que podem ser encontrados grupos de torcedores como os “*Xavantes*”. Os torcedores *xavantes* se dizem filiados ao Grêmio Esportivo Brasil, um clube profissional da cidade de Pelotas, que disputa a terceira divisão do campeonato nacional do país e será descrito nos capítulos 2 e 3. Tais como estes, outros grupamentos são encontrados dentro da divisão dos atores que compõem o futebol brasileiro na dimensão de torcedores, através da classificação de Luiz Henrique de Toledo¹⁰. Conforme o autor, compõem a *matriz espetacularizada* do futebol os torcedores, os dirigentes, os jogadores e os especialistas.

Partindo da memória como elemento norteador do processo investigativo e analítico, o investimento nesta pesquisa se faz por meio de práticas sociais que toma o estádio de futebol e as práticas educativas relacionadas ao torcer como elemento de análise, tendo como foco as interações entre o fazer ciência e a produção dos sujeitos. Além disso, visa compreender como os discursos e as práticas atuam na produção de “verdades” e dos sujeitos – no caso desta pesquisa, os *torcedores xavantes* –, engendrados através das práticas da memória. A temática abordada, vista a partir dos olhares da ciência, ressalta a grande capacidade educativa que o *futebol* e o *torcer* possuem, pois produzem saberes e conhecimentos que pedagogizam como devem ser os indivíduos, seus corpos e como os ambos devem se comportar e agir.

⁹ O autor propõe uma divisão das diferentes práticas de futebol, ou *futebóis*, entre as quais está a “*matriz espetacularizada*”. Além da centralização de sua organização pela FIFA, há uma intensa divisão social do trabalho na “*matriz espetacularizada*”, em que a “excelência performática, por seu turno, é uma exigência que se impõe de fora para dentro, mediada pelos interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores. Ela acarreta na dedicação exclusiva e remunerada de quase todos profissionais diretos – e não apenas dos atletas” (p. 40). Para mais, consultar: DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2005.

¹⁰ Para melhor detalhamento, consultar: TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

Inserida em um Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, a presente pesquisa possui dois grandes eixos, que poderiam ser chamados de capítulos/artigos. Esses artigos atuam de forma autônoma, ou seja, cada qual com seus objetivos e referenciais, utilizando-se de diferentes materiais e dados de uma mesma metodologia. Ainda assim os artigos mantêm comunicação constante, no sentido de remeter-se e tentar “conversar” um com o outro.

Nesses dois grandes artigos, utilizou-se de um pressuposto fundamental no que se refere à metodologia empregada para a realização da pesquisa, qual seja, o uso de elementos da Etnografia proposta por Lóïc Wacquant¹¹. Chamada de *participação-observante* esta metodologia conota uma ruptura com a tradicional metodologia etnográfica da observação-participante ao aproximar e borrar as linhas que separam o pesquisador do pesquisado. Mais do que um observador momentâneo ao grupo, o pesquisador-participante compartilha os costumes, práticas, valores do grupo pesquisado, de maneira a incorporá-los em sua prática de pesquisa.

No caso do grupo de torcedores “xavantes”, essa prática de pesquisa demandou a participação: em reuniões com torcedores e jogadores do clube; em jogos no estádio do clube e em estádios de clubes rivais; nos rituais da torcida que aconteciam antes e durante uma partida do clube, como o transporte de materiais utilizados pelos torcedores em dias de jogo (bandeiras) e a entoação de cantos próprios do grupo.

Esta estratégia de *fazer etnográfico*¹² utilizou-se dos seguintes elementos: registros fotográficos para captar as tensões, os jeitos e os rituais produzidos durante a prática torcedora; captação de registros áudio-visuais que dão movimento e, em muitas vezes, podem complementar os dados escritos e fotográficos; a realização de duas entrevistas semi-estruturadas com um torcedor e um dirigente do clube¹³; a consulta em dois jornais

¹¹ WACQUANT, Lóïc. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

¹² A elaboração de uma metodologia não é algo que está dado, pronto e que não pode ser alterado. O trabalho metodológico elaborado é colocado em funcionamento a partir de seu uso, compondo assim um elemento de orientação em como fazer pesquisa através da etnografia. Isto pode ser observado no próprio uso de Lóïc Wacquant da “etnografia tradicional”, uma vez que, não satisfeito com as possibilidades oferecidas pelo seu uso, o autor passa utilizar-se de outros elementos necessários e até mesmo indispensáveis à realização de sua pesquisa.

¹³ Optou-se pela realização de entrevistas na tentativa de minimizar os saltos na compreensão de determinadas práticas torcedoras, pormenorizando e colocando em evidência aquilo que passava despercebido pelos outros instrumentos metodológicos. Através dos depoimentos coletados nas entrevistas, foi possível compreender como tal prática foi se constituindo ao longo dos anos. Foram realizadas duas

locais, entre os períodos de 1946 a 1950, que pouco aparece no texto, pois serviu como subsídio para a estruturação das entrevistas; a composição de um diário de campo que continha descrições mais densas das práticas torcedoras, como os relatos de excursões, ao mesmo tempo em que registrava pequenos comentários informais mantidos com estes.

O primeiro grande eixo (capítulo 2), intitulado “*Os mal-ditos xavantes: a formação de memórias em uma torcida de futebol*” pretende problematizar os diferentes processos envolvidos na construção dessa matéria que adquire forma no presente, sendo reinventada incessantemente: a memória. A partir dos registros de fatos históricos de dois jornais da cidade Pelotas, da realização de entrevistas e da prática torcedora presenciada durante o trabalho de campo, foi possível questionar a eternização de uma Memória Xavante e entender como as memórias de torcedores de futebol são produzidas e apropriadas por um grupo específico.

Com a forte presença nos discursos atuais, é a partir de um jogo no ano de 1946 que se cria a mitologização – elevadas à enésima potência as produções que são feitas a partir de um evento, fato, dado – da figura do índio “xavante”. Esta memória serve de referência para se pensar os diversos processos na constituição e da produção de memórias por parte dos adeptos dessa filiação clubística.

Já o segundo eixo (capítulo 3) aborda a relação produzida entre esses sujeitos torcedores e seus próprios pares, a qual institui um vínculo de pertencimento a uma entidade clubística. Através de uma descrição minuciosa de como está constituído o campo empírico em questão, este eixo atua não fixando os costumes e procura não tornar lei, princípio ou código de existência, as relações criadas pelo grupo de torcedores estudado.

Em uma primeira parte, o capítulo “*Olhando futebol: o jeito Xavante de torcer*” contextualiza a transformação ocorrida ao longo do século XX nas formas de acompanhamento do futebol. A partir daí até as formas atuais de presença no futebol, descrevo e analiso os detalhes das performances dos torcedores “xavantes” antes, durante e após os jogos.

Esse *fazer etnográfico* se caracteriza por uma posição *de dentro* do grupo pesquisado que implica na aceitação da participação do pesquisador frente aos rituais, compartilhar valores, aceitar as leis e códigos do grupo, apesar de reconhecer que a

entrevistas, cada qual com duas formas distintas de aproximação e posicionamento com o clube: um torcedor e um dirigente.

condição de pesquisador ocupou uma colocação diferenciada. Afinal, seria muito difícil uma ligação com o meio, e, por conseguinte, com o ser humano neste meio, em um quadro totalmente estranho daquele que ensaia a prática de pesquisa. Assim, pode-se citar como exemplo uma conversa entre dois “estrangeiros”. Se estes não possuem, minimamente, elementos essenciais para sua comunicação, a compreensão do *Outro* fica comprometida, como na relação entre pesquisador-pesquisado.

Já o oposto, ou seja, mais que uma proximidade, uma indivisível ligação entre pesquisado e pesquisador, poderia causar um descuido perigoso para a realização de uma pesquisa. Alerta-se para um encantamento pelo objeto, que se dá por um envolvimento maior e pouco crítico de análise, não conseguindo realizar uma distinção do que é importante nesse campo de batalha que se encontra a pesquisa acadêmica e o que deve ser desconsiderado.

Os elementos utilizados para o *fazer etnográfico* foram utilizados durante a escrita dos dois artigos seguintes, uma vez que auxiliaram na descrição densa do campo empírico e por tratar-se de elementos que auxiliam o acadêmico/pesquisador a entender os “jeitos xavantes” de torcer e de sua relação com a memória.

Em seu conjunto, a pesquisa investe na produção de um conhecimento que está impregnado pelas relações criadas na constituição de torcedores de futebol. A produção de um conhecimento que é constantemente afetada por práticas que alteram, transformam e reconfiguram a vida dos sujeitos e de sua relação com o futebol, nesse caso, através da produção de memórias.

Feita através de escolhas éticas que criam algo que mantém certa relação com os *xavantes*, esta pesquisa está dividida nesses dois grandes eixos. Sua leitura pode ser feita de diferentes modos: ler como um todo, o que não garante uma completa compreensão das temáticas propostas, pois este não é seu objetivo; ler apenas os dois artigos, cada qual isoladamente, pois possuem estilo, conteúdo e dados distintos; ler a conclusão, ou aquilo que sobrou diante dos combates impostos pela prática de pesquisa; ler as figuras, pois trazem marcas bastante singulares de um protagonismo torcedor; ler alterando a sua ordem.

1.1 Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

D'ÁLESSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, nº 25/26, pp. 97-103, setembro 1992/Agosto de 1993.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Conversações, 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

SILVA, Sílvio Ricardo. *Tua imensa torcida é bem feliz...* da relação torcedor com o clube. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

WACQUANT, Löic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OS MAL-DITOS XAVANTES: A FORMAÇÃO DE MEMÓRIAS EM UMA TORCIDA DE FUTEBOL

1. Sobre memória: indicações teóricas prévias

Na mitologia grega, após um incidente que teve como conseqüência a morte de todos convidados em uma grande festa, Simônides de Caos, um grande poeta profissional da era pré-socrática que havia se retirado do banquete, a partir da rememoração dos lugares que ocupavam os convidados consegue fazer o reconhecimento de cada um dos corpos. Ao associar o lugar com as imagens das pessoas da festa, Simônides percebe como elas estavam dispostas e recorda quais pessoas ocupavam determinados lugares. Esta é considerada uma das primeiras contribuições que se tem sobre a “*arte da memória*”¹⁴. Em seus primeiros momentos a “*arte da memória*” era um conjunto de técnicas aplicadas para a memorização de idéias ou palavras.

A mnemotécnica, inicialmente foi uma técnica desenvolvida para uma utilização de memória mais eficaz, tendo como pressuposto uma associação entre um espaço com uma imagem. Associação que se manteve mesmo com as alterações nos empregos de mnemotécnica ou de várias possibilidades mnemotécnicas.

Como base na associação feita entre espaço e uma imagem atribuída, um de seus principais usos se deu nos longos discursos iniciados pelos gregos. Para as atividades de oratória era desenvolvida a capacidade de utilizar-se da mnemotécnica para recordar-se do discurso. Era criado um lugar imaginário onde se associavam imagens/figuras de forte representação, e a partir dessas figuras o indivíduo armazenava os dados necessários para proferir tal discurso. O local seria tão grande quanto fosse necessário para distribuir as imagens. Sendo assim, percebe-se que a capacidade de armazenamento e da quantidade de associações de um indivíduo depende do quão “*treinada*” estivesse sua memória, e suas evocações principalmente se restringiam às associações feitas com as imagens.

As evocações não tinham um caráter de produção de algo. Não se produzia a partir das associações, seu uso se limitava na medida em que servia para a reprodução de um discurso, por exemplo. A aplicabilidade de uma mnemotécnica nessa lógica há muito tempo tornou-se obsoleta, “*se a arte da memória foi uma técnica essencial ao aprendizado*

¹⁴ Do clássico livro sobre as técnicas de memória: YATES, Frances. *El arte de la memoria*. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

dos antigos retóricos, para os psicólogos ela se tornou atualmente a matéria-prima dos ‘espetáculos de feira’¹⁵.

Então, nesse ponto de vista, a memória era treinada, educada a se configurar como um elemento de evocação poderoso, um método para aquisição e armazenamento de conhecimentos.

A memória é construída enquanto imagens são anexadas a fatos, e é através dessas imagens que lembramos de tais fatos. Enquanto imagens, nunca são percebidas de uma mesma maneira, pois são formuladas de uma forma, afetadas por outras tantas imagens, evocadas de diferentes maneiras...

Partindo do pressuposto que a(s) imagem(ns) são capazes de criar e também evocar memórias, e as memórias são expressadas através de imagem para um sujeito, é necessário observar que:

- a evocação da memória de um indivíduo pode provir de diferentes maneiras, como do odor de algum objeto, as sensações do corpo, a aparência física de algo ou alguém;
- alguns objetos também estão carregados de sentimentos e a eles são atribuídos significados, a essa memória Stallybrass (1999) chama de “memória material” na qual, a partir de objetos evocam-se lembranças, por exemplo, no meio esportivo as medalhas, flâmulas, camisetas;
- e ainda, Ecléa Bosi (2003) ao tratar de alguns objetos pessoais que são revestidos de particularidades históricas e carregados de pertencimento, denomina-os “objetos biográficos”. Isto quando entendemos uma imagem enquanto um objeto que se apresenta no plano exterior. Pensando em objetos como monumentos, estátuas, obras de arte, podem e configuram sentidos distintos para os diferentes indivíduos e mesmo para o mesmo indivíduo em momentos distintos.

Para um torcedor de futebol muitas são as figuras que demarcam sua forma de pertencimento a um clube que vão desde vestimentas, passando por rituais e símbolos

¹⁵ Tradução de: “If the art of memory was an essential technique of learning for yesterday’s rhetoricians, it has become for today’s psychologists the stuff of sideshows” (HUTTON, 1993, p. 29)

criados a partir de sua presença em um estádio, ou até mesmo, pelos registros históricos que relembram grandes conquistas, partidas e campeonatos de seu clube.

O presente artigo pretende tensionar a eternização de uma memória de um grupo de torcedores –*xavantes* – como algo pacífico e linear, bem como a constituição de uma essência desses torcedores através de sua identificação frente ao próprio grupo. Pensar em identidades *xavantes* (no plural), significa compreender como vem se transformando, criando, singularizando, a *torcida xavante* como um todo, no que diz respeito à construção de memória e de como esta produz efeitos nas práticas atuais. Não sendo apenas um grupo de indivíduos homogeneizado e homogeneizante que produz a tradição *xavante*, de certa forma essa pluralização de identidades entra em combate com a noção de tradição.

A partir das criações de memória sobre, pela, para a torcida do Grêmio Esportivo Brasil (Brasil, daqui em diante), a investigação buscou identificar como os torcedores lidam com essas construções e de que forma isso afeta as práticas torcedoras atuais, tendo em vista duas principais figuras de linguagem que foram associadas à torcida: fidelidade e violência. Embora os discursos elaborados a partir de práticas da torcida produzam uma certa imagem caracterizando-a, são os sujeitos que compõem esse grupo que se utilizam desses discursos para contar sua história.

2. Sobre a formação de memórias

O engenhoso processo de formação de memórias impressiona e intriga. O fato de poder determinar o tempo de duração para a formação de um determinado acontecimento que poderá ser recordado, quais as partes do cérebro envolvidas por tratar (registrar, evocar) um estímulo que poderia ser memorado em um outro momento. Entretanto, além de considerar componentes físico-químicos presentes na capacidade de recordação de um indivíduo¹⁶, é necessário destacar sua imersão em relações que constantemente afetam uma composição do sujeito.

A memória é aquilo que nasce da experiência. Digo da experiência não apenas como algo observado, presenciado em determinado fato. Mais que isso, a memória como um processo em permanente construção é experimentada, também, através dos relatos

¹⁶ Para conhecer alguns desses mecanismos físico-químicos na produção de memória, consultar: IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.; DAMASCENO, Benito. A neuropsicologia da memória. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *As faces da memória*. Campinas: Centro de memória Unicamp, Coleção Seminários n.2, 1994.

orais, das figuras, fotos, vídeos, que são permanentemente elaborados a partir de um acontecimento. A memória é tanto aquilo que esquecemos quanto aquilo que lembramos, e o que lembramos também nos faz esquecer de outras coisas. Não preocupada com a Verdade, a memória é ponto de vista, criação, imaginação, construção, ou, diria ainda, preocupada com aquilo que a cerca e consigo mesmo, uma Verdade para aquilo que a cerca a cada momento. Um embate constante entre indivíduo e coletivo, entre sujeito e grupo¹⁷.

A memória conta aquilo que também nos torna o que somos e não outra coisa. Fala de nós, mas também fala do outro. É do tempo do agora, do tempo presente. Por isso que em sua criação, que se dá por formação de figuras, uma lembrança é evocada quando aproximamos o atual com a(s) figura(s) associada a um determinado fato. É construída pelo Eu, mas também pelo Nós e pelo Eles.

Lembrar e contar fatos que façam sentido para entender e significar o presente, é como está configurada a memória. Possuindo uma aproximação mínima com identidade, a memória por sua vez tem a capacidade de manter “vivos” elementos que auxiliam os indivíduos na compreensão deles mesmos e de quem os cerca. Todavia, a sociedade ocidental, marcada pelo fracionamento das identidades dos sujeitos¹⁸, rompeu com os valores Iluministas de racionalidade questionados principalmente pós-holocausto judeu. Atualmente, pode-se dizer que a identidade está sendo utilizada como um jogo para facilitar as relações entre os indivíduos, principalmente por estes transitarem sob diferentes olhares e compreensões: a negra, a mãe, o branco, o pobre, a louca, e todas essas identidades em um só sujeito, que falam por si só.

Questionam-se identidades e memórias pela dissolução da noção de essência dos sujeitos, pelo ideal do sujeito racional no comando de sua vida, ocasionando assim um movimento de tensionamento dos sujeitos em suas relações sociais. Em um tempo no qual a fácil idéia de que a globalização¹⁹ promoveria por si só fugacidades nas relações sociais,

¹⁷ Joel Candau (2001) propõe diferentes classificações e tipos de memória tanto em nível individual como em nível coletivo, ainda que essas categorias sejam permeáveis e afetadas umas pelas outras. Posteriormente alguns desses enquadramentos serão tratados no item “4”.

¹⁸ O livro de Stuart Hall (2002) discute a questão do entendimento de identidade e das construções que rondam os sujeitos.

¹⁹ Entende-se por globalização o movimento de uma crescente compreensão de espaço e tempo e, “subjetivamente, pela crescente consciência de que o mundo é um só lugar”, partindo de Robertson via Giulianotti (2003, p. 46). Isto não implica, conforme o próprio autor argumenta, na “homogeneização inexorável de gostos e práticas culturais ao redor do mundo” (p.47), ao contrário, há uma constante heterogeneidade de tais elementos baseados em dois fatores: a relativização cultural; e um fenômeno que ele chama de “glocalização”, em que as culturas locais transformam, adaptam, mudam os produtos e símbolos globais às suas necessidades particulares.

a identidade permite argumentar que relações intensas e superficiais vem tomando força a partir do descrédito deste ideal racional. Modos de se relacionar fragilizados pelo falecimento das instituições, pelo sufocante mercado de trabalho que se apresenta, ou seja, formas de isolamento e um predominante (des)controle do indivíduo.

Ao mesmo tempo em que ocorre a produção de diferentes identidades que colocam os sujeitos em relações de pertencimento a um grupo, há um excesso de informações que cada vez mais afetam os grupos e produzem descontinuidades e rupturas em suas práticas. Frente a uma tensão racionalidade-controle, o temor de perder-se ou de não se encontrar mais, a constituição de identidade vem fazendo com que as modas retrô, os museus, centros de memória²⁰, ou melhor, aquilo que venha pretensamente “resgatar o passado” ganhe espaço, tanto quanto o que se produz novo, as criações. Ou as criações também não seriam estas reapropriações/transformações do passado?

Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis. Precisamos de discriminação e rememoração produtiva e, ademais, a cultura de massa e a mídia virtual não são necessariamente incompatíveis com este objetivo. Mesmo que a amnésia seja um subproduto do ciberespaço, precisamos não permitir que o medo e o esquecimento nos dominem. Aí então, talvez, seja hora de lembrar o futuro, em vez de apenas nos preocuparmos com o futuro da memória. (HUYSEN, 2000, p. 37).

3. Tornando-se torcedor: a opção pela participação observante

Boa parte dos estudos etnográficos vem utilizando a *observação participante* como estratégia de investigação de pesquisa empírica, com a justificativa de uma maior aproximação da realidade estudada. A maneira com que Löic Wacquant (2002) constrói sua etnografia, realizada em uma academia de boxe em um bairro periférico da cidade de Chicago, nos Estados Unidos, supõe uma outra maneira de se relacionar com os sujeitos pesquisados. Mais do que uma observação para analisar as relações sociais construídas

²⁰ Márcia Mansor D’Aléssio (1993, p. 98) comenta aquilo que Pierre Nora chamou de “aceleração histórica” para “caracterizar esta situação em que o passado vai perdendo seu lugar para o presente eterno, trazendo a ameaça da perda da identidade”. Ademais, estamos lidando com o que Pierre Nora chamou de “lugares de memória”: “A questão histórica básica que norteia essa reflexão parece ser a já mencionada aceleração da história, com seu desdobramento, a mudança incessante e sua decorrência, a ameaça do esquecimento, situações que levam a uma obsessão pelo registro, pelos traços, pelos arquivos, em suma, pela história” (Idem, p.101).

naquele espaço, o autor envolve-se naquilo que mais entrelaça a vida dos sujeitos estudados, a prática do boxe.

Aparentemente, o boxe pouco tem a ver com as ações de uma torcida de futebol, entretanto, a *participação observante* (PO) revela-se uma estratégia interessante de aproximação e inserção em uma torcida de futebol. Cantar, pular, xingar, não somente fazem parte de alguns dos rituais presentes nos jogos de futebol, assim como há toda uma intencionalidade e significação daqueles que apóiam um time de futebol. O ato de torcer não fica restrito apenas ao espaço que por excelência é destinado à participação efetiva dos torcedores, uma prática torcedora que tem se revelado uma prática de lazer tão mais séria e comprometida do que apenas um momento de diversão.

A fim de compreender os significados contidos nas relações que envolvem os torcedores, durante a pesquisa se fez necessário observar: os descontentamentos de uma partida; os cantos, xingamentos, gritos, comentários; o desgaste corporal e mental, decorrentes dos atos de torcer; as rivalidades com outros torcedores; enfim, algumas ações que podem ser melhor captadas através da PO.

A PO não se restringe aos momentos dentro do estádio, nas reuniões e encontros pré-jogo, ou ainda na realização de entrevistas semi-estruturadas – outra estratégia adotada para a realização da pesquisa. Levam-se em conta pequenos comentários feitos em conversas informais, nos encontros fora da prática torcedora²¹, e mais, por conta da importância dada aos meios eletrônicos pelos torcedores, dois sites da internet²² serviram como referência para interpretar e analisar os torcedores e efetivamente se constituir enquanto um pesquisador-torcedor.

No auxílio à PO, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas. A primeira se deu com Cláudio Milton Cassal de Andrea, feita devido a sua representatividade frente a alguns torcedores e dirigentes relatadas durante o período da pesquisa de campo que ocorreu no segundo semestre de 2007. Essa entrevista foi feita em 20 de dezembro de 2007 e conforme relatou o entrevistado, além de sua participação como presidente do Brasil em 1977, passou por diversos cargos desde 1959 atuando no clube até o ano de 2006 enquanto

²¹ Encontros que não necessariamente dizem respeito ao ambiente torcedor, como por exemplo, churrascos, aniversários, encontros casuais, revelam-se importantes fontes de pesquisa tendo em vista o não constrangimento que alguns aparelhos utilizados na coleta de dados podem causar nos torcedores, como a máquina fotográfica e o gravador de voz.

²² São eles: www.orkut.com e www.forumxavante.com.

dirigente. A outra foi realizada com torcedor Tiago da Silva Bündchen também em 20 de dezembro de 2007. O segundo entrevistado tem 26 anos e desde os 13 frequenta o estádio do clube. Além de participar de excursões com outros torcedores para acompanhar o time nos jogos em outras cidades, Tiago da Silva Bündchen possui um histórico de forte envolvimento com as ações da torcida. Conforme relatou na entrevista, recentemente passou a fazer parte do Conselho Deliberativo do Brasil.

4. Afinal, que diabos são esses *xavantes*?



Figura 01: Torcedores “Xavantes” na arquibancada do Estádio Bento Freitas em dia de jogo.²³

O Brasil é um clube de futebol profissional fundado em 7 de setembro de 1911, surgido da iniciativa de operários na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, sendo muito conhecido em âmbito estadual por ter uma torcida ao qual são atribuídas as características de fiel e violenta. Além de serem referenciados por outras torcidas, os torcedores desse clube se autodenominam *fiéis* e acessam uma condição historicamente construída de sua forma de pertencimento ao clube ser expressa também através da *violência*.

²³ Todos os registros fotográficos do texto foram coletados durante o trabalho de campo e realizados pelo autor.

Como por exemplo, a palavra “xavante” começou a ser utilizada para designar os torcedores deste clube após um jogo pelo campeonato da cidade, disputado entre o Brasil e o seu maior rival, o Esporte Clube Pelotas, em 28 de julho de 1946. Deixemo-nos levar pela riqueza de detalhes da entrevista de Cláudio Andrea (2007) ao narrar o episódio em uma entrevista:

Foi justamente num jogo contra o nosso arqui-rival, Esporte Clube Pelotas, em que o Brasil naquela oportunidade perdia por 3 a 1 e se o Pelotas ganhasse aquele jogo seria o tricampeão que ele perseguia desde o tempo da fundação deles. Não tinha sido tricampeão da cidade. O jogo se encerrava, ao terminar o primeiro tempo, um jogador do Brasil é expulso, nosso capitão, Chico Fuleiro, não é. E o Brasil foi então para o segundo tempo com menos um jogador e acabou virando o jogo [...] Esse Juvenal então marcou 1 gol, e daí começou a reação neste jogo, e o Brasil acabou ganhando de 5 a 3. A torcida ficou completamente maluca pelo fato de ter virado o jogo, não ter deixado nosso arqui-rival abdicar o título de tricampeão, quer dizer, derrubou, naquela época não tinha tela era talvez uma mureta. E um dirigente do Pelotas, em alusão eu acho aquelas reportagens que faziam na revista “O Cruzeiro” sobre os índios xavantes, disse que a torcida do Brasil eram uns bárbaros, mas em tom pejorativo, eles eram xavantes. Daí o torcedor pegou, se apropriou desse termo xavante[...] **Eu não vi esse jogo, de 46 eu não fui ver. O meu irmão foi ver com o meu pai, me lembro perfeitamente bem.** (Cláudio Andrea, 2007, pp. 1-2)

Na parte final deste trecho, conforme está grifado, nota-se como se dão algumas construções da memória. Mesmo o entrevistado não tendo presenciado aquele jogo, consegue relatar com uma riqueza de detalhes o fato. É necessário ressaltar uma forma de memória que contempla uma construção através dos relatos e da sociabilidade que está presente não só no meio futebolístico, mas nas diferentes práticas culturais. A memória é constituída por experiências conjuntas, aquilo que Mary Clark (1997) denominou de *memória compartilhada*, o que permite falarmos também de uma *memória coletiva* e/ou de uma *memória social*.

A formação de memórias nesse nível significa interpretar aquilo que foi visto de uma forma e não de outras tantas, e compartilhar acontecimentos com outras pessoas. Mesmo não tendo visto aquele acontecimento, Cláudio Andrea lembra de forma a descrever como se o tivesse presenciado. As continuidades desse tipo de memória se dão pelo grupo e não somente por um indivíduo, ademais o que aconteceu em 1946 pode ser contado não só por alguém que vivia naquela época, mas também por aqueles sujeitos que há pouco tempo começaram a fazer parte do grupo de torcedores do clube, pela influência da tradição oral ou escrita, contando com detalhes determinados fatos não-presenciados.

Outro aspecto da memória a ser considerado quando ao contar esse episódio, assim como em outras fontes pesquisadas²⁴, nota-se o tom generalizante e unificador do fato. Ainda que nem todos tenham invadido – um espaço que não é seu – o campo de jogo e que de certa forma alguns torcedores não concordassem com tal atitude, passou-se a designar todos os torcedores dessa forma. E mais, o próprio clube atualmente é chamado de *xavante* em consequência do episódio de 46. Em suma, através de um duplo esforço de nomeação por parte dos *outros* e aceitação por parte do próprio grupo de torcedores, foram atribuídas algumas características que passaram a conceituar os torcedores do Brasil, os “xavantes”, ou melhor, todos que tivessem alguma relação com o clube: dirigentes, torcedores, jogadores. Estes, os “xavantes”, já não são mais aqueles que invadiram e se comportaram “inadequadamente” para os valores morais da época, todavia, desde então, tudo que estava relacionado ao Brasil começou a ser remetido à referência de “xavante”.

Diferentemente aconteceu em como o termo *xavante* foi sendo apropriado. Se inicialmente aquela palavra lembrava que um *xavante* seria um *mal comportado torcedor do Brasil*, houve uma descontinuidade que remeteria o *xavante*, a ser *torcedor do Brasil*, e mais, tudo que envolve este clube – atletas, o clube em si, diretores – é chamado de *xavante*. Apesar de ser criada por seu clube adversário, a designação de “xavantes” foi aceita passando a ser utilizada como forma de satirização aos torcedores rivais.

Tendo em vista o embate memória/esquecimento e daquilo que é ou não atribuído a alguma coisa, o “tom pejorativo” citado que remeteria algumas características dos torcedores do clube foi tentando ser esquecido, ao mesmo tempo em que foram incorporados outros elementos que caracterizariam os torcedores do Brasil. O uso dessa memória serviu para serem assumidos elementos como a *fidelidade* e a *bravura* dos torcedores, por exemplo, adotando outras características que seriam moralmente boas para o clube em detrimento de outras carregadas de valores morais negativos na sociedade moderna, como a violência. Todavia, mesmo a questão do elemento “violência” que comporia essa identidade foi mantido por acessar indícios de *quem seriam* os torcedores do clube e *quais eram* suas prerrogativas para agir de certa forma.

Ainda que, o discurso gerado em torno da violência dos torcedores do Brasil não tenha sido mantido unicamente por esse episódio, o fácil valor que já estava apregoado aos

²⁴ Brasil Gigante. Pelotas: Phidias Gallo, 1970. Volumes 1, 2, 3 e 4; site do clube, em: www.brasildepelotas.com; SANTOS, Adilson Garcia dos. *Grêmio Esportivo Brasil*. Pelotas: Fama, 1997. E jornais “Diário Popular” e “Opinião Pública” no período de 1946 – 1950.

torcedores serviria para induzir ou contar outros fatos envolvendo a torcida do Brasil principalmente por aqueles que tinham um contato superficial, leia-se principalmente pessoas que não freqüentavam o estádio e a grande mídia. Ademais, os valores e símbolos das ações de parte dos torcedores diferem de alguns contidos na ordem moral hegemônica vigente²⁵. Dentro do universo da prática torcedora são comumente aceitos, por exemplo, xingamentos na forma de violência verbal e gestual.

Outra característica que também passou a dominar os discursos produzidos sobre *os xavantes* é a *fidelidade*, a qual está ligada principalmente à idéia da quantidade de pessoas que freqüentam o estádio nos dias de jogos²⁶ e da maneira com que elas se envolvem quando torcem pelo Brasil, assim como no acompanhamento da equipe – excursões, como dizem os torcedores – em jogos que acontecem em outros estádios, comumente chamados de jogos “fora-de-casa”²⁷. Secundariamente – embora constantemente enaltecida nas

²⁵ No depoimento de Cláudio Andrea notamos como se davam alguns episódios: “Não importava a classe, isso aí tava tudo misturado, era engraçado, levar uma coisa pra depois poder contar pros outros. Tem uma história até em 77 quando o Brasil retornava de Estrela com a vitória, o ônibus parou num desses bares, não sei se em Tapes, num local desse e tinha um desses caçadores que vinham caçar aqui no Taim aqueles marrecão, enfim, e eles botavam todo o produto da caça, tudo pendurado, assim em cima. Quando a torcida chegou e viu aquilo, tirou tudo. O cara quando saiu do bar não tinha nenhum marrecão”. Ao falar das excursões Tiago Bündchen revela algumas intencionalidades de determinadas ações: “Teve épocas que quando nós voltávamos, principalmente em excursões grandes, não tinha um aberto, os paradores tudo fechado, era uma desgraça.” Prossegue ele: “o cara vai no parador e pega um pedaço de pastel, um refri e sai porta a fora. Isso até acontecia com esse intuito de comer mesmo, sabe. Mas muito do que acontecia era até por diversão, por bobagem, de arte. Parecia (sic) umas criança fazendo arte, sabe. De pegar um troço escondido e depois saía rindo. Não era porque precisava daquilo [...] Não é necessidade e também não é por maldade, tu entende o que eu quero dizer?”. Observamos aqui a contradição da moral problematizada por Kant através de Nietzsche, em que o posso querer alguma coisa e devo querer alguma coisa contribuem no falecimento de uma moral universal, e os atos não podendo ser medidos apenas por sua intencionalidade, mas sim por todas as conseqüências que acarretam. Para mais, consultar o clássico livro de Nietzsche (s/d) “A genealogia da moral”.

²⁶ Em nota divulgada pelo site do clube em 19/10/07 informando a média de torcedores que vinham freqüentando o estádio durante o campeonato “Copa Paulo Rogério Amoretty”, surge o impressionante número de 8.600 pessoas por jogo. Ainda que bastante questionável tendo em vista nossas observações em campo, pode-se dizer que o número de pessoas que freqüentavam os jogos era considerável, superando, talvez, a média de público de muitas partidas da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol profissional de 2007 que, em suma, por alguns valores impregnados no pensamento ocidental hegemônico, é o campeonato mais valorizado do país como a própria notícia do site anuncia ao comparar: “G.E.Brasil tem público de série A”. Isso tendo em vista o entorno político, cultural, econômico que envolve um campeonato brasileiro da primeira divisão, ou série A.

²⁷ As torcidas de clubes das cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul, leia-se todas as cidades do estado excetuando Porto Alegre, geralmente não iam aos jogos de suas equipes durante todo um campeonato disputado. Há um histórico significativo de grande quantidade de torcedores que viajavam para assistir os jogos do Brasil em outras cidades, informados através das duas entrevistas feitas no segundo semestre de 2007, bem como em outras fontes consultadas citadas já em outra nota-de-rodapé. No campeonato de âmbito estadual acompanhado durante o segundo semestre de 2007, citado na nota anterior, observou-se que na “primeira fase” da competição nenhuma torcida foi até o estádio Bento Freitas (nome do estádio do Brasil), por sua vez, alguns torcedores do Brasil fizeram excursões em alguns jogos do Brasil em outras cidades. Situação um pouco diferente da “segunda fase” da referida competição, quando em dois dos três jogos realizados no estádio Bento Freitas tiveram participação de torcedores de outro clube. É necessário

conversas em dias de jogo, camisetas, faixas colocadas no estádio – podemos ainda inferir à *fidelidade* a afirmação de que um torcedor do Brasil é “100% Xavante”, de que não torce por outro clube, principalmente diz-se “anti-gre-nal”²⁸.

Ao revelar e confrontar essas duas principais características que passaram a fazer parte da identificação dos torcedores do Brasil – violência e fidelidade – pode notar-se como a memória é fabricada por quem a utiliza para se referir a algo ou alguém. Se por um lado a *violência*, em função de seu valor moral *ruim* para aqueles que são denotados, tenta, talvez, não ser lembrada a priori, por outro a *fidelidade*, um valor *bom* para aquele que é fiel a algo, é constantemente evocada, enaltecida, entoada. Contudo, a violência, com menos frequência, conota a constituição de uma outra moral por também estar presente nos cânticos e inscrições da torcida. Para parte dos torcedores a tradição de “violência” é utilizada como um valor bom, em se tratando de uma disputa simbólica com outras torcidas. Mais que positivar o significado do *xavante*, os torcedores se servem dele para positivar a própria violência.

Já o elemento “fidelidade” é provocado e demonstrado no próprio estádio Bento Freitas, onde, na parte superior de uma das arquibancadas, está pintada de maneira sobressalente a seguinte frase: “a maior e mais fiel do interior”. Há vários sentidos que podemos dar a essa inscrição, contudo, principalmente a de um uso político da memória. Esta vem lembrar daquilo que foi se construindo ao longo dos anos e que não deve se perder. Está ali para lembrar os torcedores de que eles são *fiéis*; de que se não são, deveriam ser; lembrar também aos *outros*, quem *foram* e *são* os torcedores do clube; em suma, a *fidelidade* é uma característica que deve permanecer associada aos torcedores do Brasil.

referenciar aqui também um maior afastamento da cidade de Pelotas das cidades dos outros clubes que participaram deste campeonato, dificultando, talvez, as excursões desses torcedores, visto que existe uma proximidade entre as cidades desses outros clubes. Embora, há uma forte inclinação para supor que, de fato, não aconteciam excursões dos torcedores das outras equipes mesmo nos jogos não realizados em Pelotas.

²⁸ São diversos os torcedores do Brasil que têm aversão aos dois times da cidade de Porto Alegre que disputam o campeonato nacional, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Grêmio) e o Sport Club Internacional (Inter). Quando estes dois se enfrentam diz-se que é o clássico “gre-nal”. Contudo, no Rio Grande do Sul acontece um fenômeno interessante quando os dois clubes vão jogar em outras cidades enfrentando os times locais. Mesmo o clube jogando em seu estádio, o número de torcedores seja de Inter, seja de Grêmio, se não maior, é muito próximo dos do clube local, um exemplo contrário poderia encontrar-se na cidade de Pelotas, onde os torcedores do Brasil superam os de Grêmio e Inter. Em dias de jogos observou-se faixas do tipo: “Anti-grenal”, “grenal é moda, xavante é foda”; o uso de camisetas que contendo frases: “100% xavante”, “nem gre, nem nal, valorizo minha cidade até o final”; entre outras demonstrações de um movimento “anti-grenalização”, embora existam alguns torcedores do Brasil que também torcem para estes dois outros clubes. Para maiores considerações ver outro trabalho publicado, intitulado: “Pistas teóricas na construção de memória e tradição xavante”, (Jahnecka, Silva e Rigo, 2007).



Figura 02: Ao fundo, grafada nas arquibancadas do estádio, a referência de “a maior e mais fiel torcida do interior” ilustra os usos do elemento “fidelidade”. Foto durante a preparação para o jogo de Brasil e Sport Club Internacional de Santa Maria, em 18 de fevereiro de 2008.



Figura 03: Em frente ao vestiário dos jogadores no estádio Bento Freitas, registro das tensões entre polícia e torcedores em um pós-jogo onde o desempenho do time não atendeu às expectativas dos torcedores. Em 18 de fevereiro de 2008.



Figura 04: No campo, jogadores se preparam para a partida entre Brasil e S.E.R. Caxias em jogo final da Copa Rogério Amoretty. Realizado no dia 02 de dezembro de 2007, o registro destaca ao fundo a inscrição contendo um dos usos de memória da torcida. Através de uma faixa, a recepção aos adversários é altamente satirizada: “Bem-vindos ao inferno”.

5. Discutindo memória coletiva

A idéia de “memória coletiva” passa por um enunciado que um grupo de pessoas tem sobre si próprio, pretensamente comum a todos os membros, na medida em que alguns torcedores do Brasil se apropriaram da denominação pejorativa apregoada ao seu comportamento no episódio descrito no jogo de 1946 referido. Essa memória é construída por uma parcela de membros do grupo, uma *memória oficial*, mesmo que existam divergências entre eles. Os indivíduos têm diferentes entendimentos sobre a origem e a história de um mesmo grupo, mesmo havendo certo consenso. No caso da torcida “xavante”, para alguns o que pode ter surgido em um certo jogo, para outros já existia. Ou ainda, se o comportamento pode não ter sido bem aceito nem mesmo para aqueles que apoiavam o time, dentro do próprio grupo foi motivo para criar uma característica que, se não existia, passou a ser um diferenciador daqueles torcedores frente aos demais.

O uso de uma denominação dada como “memória coletiva” poderia indicar que temos uma generalização e uma organização de memória frente a um grupo de pessoas que atinge mais ou menos indivíduos destes torcedores. Quando se fala em “memória xavante”

significa estender a produção para todos os torcedores do Brasil. Esta idéia de uma generalização supõe que alguns conjuntos de recordações da história foram colocados em um primeiro plano de significação de memória, uma memória coletiva, em detrimento de um ou mais conjuntos menos aceitos pelo grupo.

Joel Candau (2001) demonstra a proximidade e mesmo a inclusão de memória coletiva como uma retórica holista que seriam “as totalizações que procedemos empregando termos, expressões e figuras que tendem a designar conjuntos supostos aproximadamente estáveis, duráveis e homogêneos”²⁹. É possível começar a questionar em que medida as memórias de parte de um grupo de torcedores podem produzir as memórias de outros membros do mesmo grupo? É frágil e imprecisa uma definição de “memória coletiva”, entretanto, em certa medida, funciona como elemento unificador do grupo.

A partir daí, entendendo que os torcedores individualmente supõem o que seria uma memória que pudesse nomear todos os membros da torcida, ou ainda como o grupo se reconhece enquanto unidade de pertencimento, se poderia chamar essa significação de uma metamemória³⁰ de representação coletiva. Porém, nesse caso, seria uma memória hipotética e não tão comprovada quanto à primeira. Pressupondo que cada torcedor assume quais são os elementos que passam a identificar e descrever a torcida como um todo, essa memória passa por aquilo que o grupo entende como significativo. Ou seja, como o grupo define a si próprio.

A repercussão desta memória é de algum modo parcial, incerta e revela uma possibilidade entre outras tantas. A recordação não consegue a totalidade de um dado episódio, assim, deixa de fora as manifestações não evocadas. Na representação de uma

²⁹ Tradução minha da citação: “las totalizaciones a las que procedemos empleando términos, expresiones y figuras tendientes a designar conjuntos supuestos aproximadamente estables, durables y homogéneos” (p, 26).

³⁰ Joel Candau propõe três manifestações/classificações de memória individual bem caracterizadas. Elas não são excludentes entre si, se relacionam, se interpelam. Um primeiro tipo, chamada de *protomemória*, ou memória de baixo nível, uma memória procedimental, repetitiva ou memória-hábito (Bergson). São esquemas adquiridos ao longo dos primeiros anos de socialização principalmente, estruturas gestuais e verbais, quase imperceptíveis, sem tomada de consciência pelo indivíduo. Ao passo que a *memória de recordação*, de alto nível, memória propriamente dita, é considerada uma memória de evocação involuntária, são nossos saberes, valores, crenças, uma memória dos conhecimentos. “A metamemória e a memória de alto nível dependem diretamente da faculdade da memória. A metamemória é uma *representação* desta faculdade”, tradução de: “La protomemoria y la memoria de alto nivel dependen directamente de la facultad de memoria. La metamemoria es una *representación* acerca de esta facultad” (CANDAU, 2001, p. 21 – grifo do autor). Sendo assim, Candau apresenta uma última manifestação de memória a qual chama de *metamemória*, que seria a representação que um indivíduo tem de sua própria memória. Fica evidente que as manifestações individuais, por mais que sejam construídas pelo indivíduo e sua ética, inevitavelmente estão imersos nas relações de grupo.

memória coletiva, ao mesmo tempo em que esta vem a ser totalizante e organizadora, exclui outras possibilidades de recordações do grupo, deixando de ser construída em apenas um dado momento da vida dos membros do grupo, o que reduziria mais essa “memória xavante”.

A dificuldade que os sujeitos têm em descrever uma dada memória se confunde com o que eles pensam que os outros elementos do grupo recordam, uma intervenção dos outros na recordação de um depoente, criando, assim, uma característica coletiva de metamemória. Por outro lado, um elemento coletivo de memória compartilhado pelos vários indivíduos de um grupo serve como mediador para assumir e alcançar uma característica da memória da torcida. Uma breve linha separa o que efetivamente vem a ser uma construção própria dos elementos do grupo (memória coletiva) daquilo que alguns indivíduos podem pensar ser significativo para os demais membros do grupo (metamemória), ou nesse caso, dos torcedores sobre eles próprios.

Mesmo que alguns torcedores não tenham se identificado em certo momento com aquele fato ou um conjunto de fatos que passaram a designar a todos os torcedores do Brasil, o que se verifica nesse momento é uma sobrevivência dos significados para a torcida. A própria denominação de “xavante”, por exemplo, pressupõe uma generalização que poderia não ser assumida por alguns torcedores do Brasil.

Quando falamos em memória coletiva uma outra confusão apontada por Joel Candau (2001) verifica-se através de que alguns atos de memória coletiva não necessariamente identifiquem uma memória coletiva, isto porque o ato de ter adentrado no campo ou, ainda, de agir violentamente, delimita uma certa área de circulação da memória, podendo assim ser ausente de significados para alguns membros da torcida, ou, ainda, assumir diferentes significados para os sujeitos. Por exemplo, na associação feita entre a figura “xavante” e o acompanhamento do time (fidelidade), ou meramente, desconhecer as características desse símbolo nativo e associar o clube ao seu “mascote”³¹.

Com isso, trago a discussão sobre o grau de pertinência de uma retórica holista apontada por Candau, no sentido de questionar como se pode examinar um discurso de memória coletiva de um determinado grupo e sua estabilidade. O autor classifica em dois tipos as representações que podem remeter a uma retórica holista: “representaciones

³¹ A presença da figura “xavante” na vida dos torcedores ficou tão fortemente marcada que o “índio xavante” acabou se tornando o “mascote” do clube.

factuales” e “representaciones semânticas”. A primeira seria uma idéia de representatividade mais forte e possivelmente com um grau de pertinência elevado, pois são demonstrações da existência de certo acontecimento, o que nos levaria a crer que fosse compartilhado por um número grande de indivíduos (os torcedores do Brasil invadiram o campo e foram nomeados por uma atitude desordeira). Já uma representação semântica seriam os significados atribuídos aos mesmos acontecimentos, o que nos indica, depois de toda uma discussão de memória coletiva, que esse grau de pertinência é muito baixo, talvez até nulo (na “invasão do campo”, alguns torcedores consideraram como um ato legítimo da torcida, outros negaram essa legitimidade).

6. Conclusão

Mesmo na criação do termo “xavante” seu significado pode ter assumido diferentes interpretações para os membros do grupo. A generalização feita sobre aquele acontecimento foi a de um comportamento inadequado para a época, contudo, a proibição e a permissividade nos comportamentos torcedores foram se alterando ao longo dos anos, o que de certa forma produziu as atitudes xavantes. Conforme se pode perceber os torcedores além de atribuir positividade à significação feita ao “xavante”, passam a positivar a própria “violência”.

Quando se procura atribuir a um grupo um conjunto de elementos que descrevam a sua história enquanto memória coletiva, esta generalização corre o risco de passar por demasiado reducionista. Uma maior atenção a estas considerações trazidas nessa discussão minimiza: o distanciamento da memória propriamente significativa ao grupo; de como as recordações são evocadas e transmitidas; a percepção do grau de influência e interferência dos próprios membros; o sentido atribuído a essa representação pelos vários elementos do grupo, entre outras. A partir daí, o que realmente expressa uma memória coletiva? Ou ainda, como ela foi formada por esse grupo? Até que ponto ela pertence a este grupo? Como ela foi armazenada e de que forma ela é evocada? Quais os elementos evocados? Enfim, alguns desafios os quais surgem ao pensarmos em uma “memória coletiva”.

Questionamos o modo como essa tradição xavante foi criada, entendendo a tradição não como algo fixo e invariável, que urge intacta e constante de um passado, mas na dinamicidade de possíveis variações que perpetuaram pela significação das pessoas que se

apropriam de um conjunto de fatos. Histórias que foram promovendo rupturas e (des)continuidades nas *práticas torcedoras xavantes*, afinal, uma possível denominação de tradição xavante sobrevive na significação que os torcedores fizeram sobre os fatos que marcaram as trajetórias desse grupo de pessoas.

7. Referências Bibliográficas

BRASIL GIGANTE. Volume 1. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.

_____. Volume 2. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.

_____. Volume 3. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.

_____. Volume 4. Pelotas: Phidias Gallo, 1970.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, Joel. *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

CLARK, Mary M. Esquecendo Louise Rouget — O problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na Cultura dos Estados Unidos. *Projeto História*, n.15. São Paulo: Educ - Editora da PUC-SP, p. 85-117, 1997.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.13, n.25/26, p. 97-103, set. 1992, ago. 1993.

DAMASCENO, Benito. A neuropsicologia da memória. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *As faces da memória*. Campinas: Centro de memória Unicamp, Coleção Seminários n.2, 1994.

GIULIANOTTI, Richard. Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês. *História: questões & debates*. Curitiba, n. 39, p. 41- 64, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUTTON, Patrick. *History as an art of memory*. London: University Press of New England, 1993.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JAHNECKA, Luciano; SILVA, Méri Rosane Santos da; RIGO, Luiz Carlos. Pistas teóricas na construção de memória e tradição xavante. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de Educação Física*. Pelotas: UFPel, 2007. Cd-rom.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Escala, s/d.

SANTOS, Adilson Garcia dos. *Grêmio Esportivo Brasil*. Pelotas: Fama, 1997.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

YATES, Frances. *El arte de la memoria*. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

WACQUANT, Löic, J. D. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

8. Fontes Orais

Entrevistas:

ANDREA, Cláudio Milton Cassal de. *Entrevista Cláudio Milton Cassal de Andréa*. Pelotas, 20 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a Luciano Jahnecka. 19pp.

BÜNDCHEN, Tiago da Silva. *Entrevista Tiago da Silva Bündchen*. Pelotas, 20 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a Luciano Jahnecka. 29pp.

OLHANDO FUTEBOL: O JEITO XAVANTE DE TORCER

1. Introdução

Em uma das conversas futebolísticas que tive com minha mãe enquanto realizava este estudo, estavam sendo disputados os jogos semi-finais de um campeonato de futebol importante entre clubes da América do Sul. Ao assistirmos os detalhes da extensa cobertura jornalística que precedia à partida, a qual aconteceria horas mais tarde, recebi o comentário de seu apoio para um dos clubes, e, mais que isso, a sua preferência clubística contrária a uma das equipes. Na ocasião convidei-a para assistir a partida pela televisão, foi quando se recusou tendo como justificativa a não menos extensa cobertura pós-jogo que os canais de televisão aberta no país realizariam nos dias posteriores, quando então poderia saber qual o clube passaria às finais e talvez ver os gols da partida³². E mais, em sua lógica era inconcebível ir a um estádio de futebol se a partida fosse transmitida pela televisão.

A intenção deste capítulo é justamente pensar, no que se refere à preferência clubística: quais as diferentes formas de envolvimento com o futebol? As diferenças e semelhanças que existem entre os sujeitos que compartilham do futebol? O que caracteriza e constitui as diferentes torcidas? Quais as principais singularidades dos torcedores Xavantes?

Com o objetivo de tentar responder as perguntas orientadoras acima colocadas, o texto que segue está dividido em duas grandes partes. Na primeira parte do texto (itens 2., 2.1, 2.2, 3.1 e 3.2) apoiado em estudos específicos do futebol, faço uma contextualização histórica do futebol brasileiro e procuro mostrar como as formas de torcer foram transformando-se ao longo do tempo até chegarem nas formas atuais. Na segunda parte (itens 4,e 4.1), apoiado essencialmente no trabalho de campo realizado durante os anos de

³² A cobertura midiática no Brasil, principalmente do futebol, ocupa boa parte dos noticiários de televisão, páginas de jornal, programas de rádio, quando não são programas, revistas e jornais exclusivos sobre o esporte. Atualmente, a extensa importância dada pelos diferentes meios de comunicação para com as práticas esportivas (a grande cobertura midiática se refere às práticas futebolísticas e muito pouco aos demais esportes) chama a atenção pela quantidade de informações produzidas. Essas informações englobam desde aspectos objetivos (o local e hora de começo do jogo; a provável escalação dos jogadores que iniciarão a partida; previsão das condições climáticas; um histórico das partidas entre as duas equipes etc.), como subjetivos (os discursos produzidos e suas possíveis ressonâncias nos comentários feitos por jogadores e técnicos sobre a partida; as especulações sobre a vida pessoal dos jogadores; o envolvimento das torcidas; o histórico dos árbitros da partida) envolvidos em uma partida de futebol. Pode-se dizer que quanto mais importante é a partida, e isso significa necessariamente o número de pessoas e interesses envolvidos, maior é a quantidade de dados levantados para servir de informação.

2007 e 2008, procuro fazer uma descrição cuidadosa dos jeitos Xavantes de torcer, descrevendo e analisando os detalhes das performances de seus torcedores antes, durante e após os jogos.

2. Historicizando futebol: macro e micro-histórias coletivas

2.1 Futebol: aceitação e popularização

De acordo com Norbert Elias o Esporte Moderno emerge no contexto do século XVIII³³. Antes disso, os jogos com bola se assemelhavam muito às práticas de guerra; possuíam regras fluidas transmitidas basicamente pela tradição oral. Dos treinamentos militares às disputas festivas entre dois povoados ou tribos, tais práticas mantiveram uma disposição de confronto entre duas partes. Ainda segundo as contribuições de Elias (1995), como os indivíduos eram incorporados às práticas com bola porque não poderiam ficar assistindo aos confrontos, tais confrontos chegavam a ter milhares de participantes. Os atos de violência física no cerne desses jogos, além de serem comuns e aceitos pelos praticantes, eram considerados naturais e indissociáveis da prática.

Uma das teses de Norbert Elias³⁴ que obteve maior ressonância para explicar o envolvimento das pessoas com o futebol foi a da excitabilidade controlada produzida pelo esporte moderno. O futebol, na segunda metade do século XIX e início do século XX, estava de acordo com as mudanças no estilo de vida e nas formas de relacionamento das pessoas em sociedades alteradas pelos processos de industrialização e urbanização, aquilo que o autor chama de um “processo civilizador”. Dentre as mudanças ocorridas durante esse processo está a diferenciação entre o artesanal e o industrial, as formas de moradia, o surgimento das instituições e conseqüente mudança nas formas de relacionamento entre as pessoas, uma ordem jurídica que compunha uma ética universal com leis, julgamentos e atos policialescos. Enfim, são muitos elementos que transformaram o modo de vida das pessoas e tornaram os atos de violência física mais velados e menos valorizados.

Com um “apaziguamento” dos comportamentos cotidianos dos indivíduos colocado em funcionamento através de instituições legitimadas socialmente (a escola, a igreja, o quartel, a polícia), o futebol estaria disposto da seguinte maneira: ao mesmo tempo em que divergia de práticas que permitiam atos de violência física durante o jogo, ele admitia um

³³ ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995.

³⁴ Idem, 1995.

contato físico controlado³⁵. Desse modo, atuava numa região de fronteira entre o controle e o excesso, o combate e a fuga, a possibilidade do contato físico e o uso do drible para evitá-lo. Assim, o futebol permitia um enfrentamento eminentemente corpóreo, mas altamente regulador e punitivo. Esse esporte se distanciou de outros que permitiam um contato físico extremo, com agarrões e empurrões – caso do Rugby³⁶ – entretanto, atuava substancialmente diferente das práticas que eliminavam o contato físico entre os jogadores – caso do tênis.

O futebol³⁷, após sua institucionalização através da *Football Association*, migrou para os mais variados locais fora da Inglaterra. Naquele país, o esporte era praticado inicialmente pelas classes abastadas, mas com o tempo foi se tornando uma prática muito disseminada entre as classes trabalhadoras. Uma visão geral sobre o desenvolvimento do futebol e sua popularização nas classes trabalhadoras na Europa pode ser encontrada no trabalho de Arlei Damo³⁸ onde é destacada a abertura e a assimilação do esporte para as classes trabalhadoras, utilizando o conceito de “democratização funcional” de Norbert Elias³⁹. Contradizendo a versão de que o futebol teria sido oferecido ao proletariado com

³⁵ Em seu começo o futebol ainda permitia empurrões, agarrões, sobrecarga com o uso do corpo em um oponente. Com algumas alterações de regras, o contato físico ficou ainda mais controlado e disperso. Entre tais alterações gostaria de destacar a regra do impedimento. Uma mudança significativa que embora não limitasse os usos dos corpos dentro do jogo, afetava substancialmente a dinâmica do jogo. Inicialmente era considerado impedido o jogador que estivesse à frente da linha da bola no momento do passe, o que favorecia a concentração dos jogadores em uma parte do campo tendo como centralidade a bola. Algum tempo depois, um jogador estaria impedido quando ele estivesse mais próximo da linha de fundo em seu lado de ataque em relação a dois de seus adversários no momento de um passe de seu companheiro. Alteração que facilitaria uma maior distribuição dos jogadores por outras partes do campo e conseqüentemente um nível de contato físico menos imediato.

³⁶ É através das dissidências e incompatibilidades com esse esporte que os idealizadores do futebol começam a pensar e formar uma estética bastante singular para a época. O forte controle sobre os atos de maior contato corporal marca o distanciamento com o Rugby.

³⁷ Para deixar de lado as práticas que em vários aspectos se assemelhavam ao futebol moderno – entre elas o *Calcio* na Itália, *Cuju* na China – e abreviar a escrita, daqui em diante chamarei esse futebol que conhecemos atualmente, o futebol moderno, apenas por futebol. A referência utilizada para designar esse futebol como moderno serve para marcar a ruptura com práticas que o antecederam e outras que estavam próximas a ele no momento de sua institucionalização – caso do Rugby. Essas práticas aconteceram em diversas regiões, em diferentes períodos históricos, com diferentes nomes e possuíam características mais ou menos comuns ao futebol moderno dependendo da região, dos objetivos e de suas funcionalidades. A universalização das regras, a eliminação do contato da bola com as mãos dos jogadores, um controle maior sobre os atos de violência física dos jogadores, são as principais características divergentes entre o futebol e suas práticas parentescas. O futebol, já praticado pelas *Public Schools* da Inglaterra, começa a ser divulgado e ganhar novos adeptos em diferentes povoados fora do país. Para mais, consultar: GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

³⁸ DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

³⁹ Op. Cit., 1995.

certas finalidades – entretenimento e minimizar a luta entre classes – e tenha sido de fácil aceitação pelas classes trabalhadoras, Damo (2002) ressalta uma acessibilidade restrita do futebol que não se deu através de uma verticalização, da elite aos trabalhadores.

É possível aceitar a congruência da literatura sobre a incorporação do futebol nas práticas culturais do continente europeu e a semelhança com a inserção no Brasil, no que se refere aos primeiros sujeitos praticantes. Segundo esta análise, esse esporte passou a marcar uma distinção de classes, tendo em conta o seu vínculo inicial com as classes mais abastadas. Entretanto, o período e a forma com que o esporte foi incorporado são díspares. Enquanto no Brasil o futebol dá seus primeiros pontapés na forma de partidas de exibições⁴⁰ com alguns jovens que regressavam de seus estudos e outros imigrantes do continente europeu, no “velho mundo” já acontecia há algum tempo a popularização do futebol atingindo em larga escala o gosto e a dedicação das classes trabalhadoras. Quando o futebol estava sendo introduzido no Brasil, o esporte já estava altamente difundido e servindo como possibilidade de ascensão econômica concreta para as classes trabalhadoras européias pelo oferecimento de dinheiro para suprir os gastos daqueles sujeitos que trocavam o trabalho pela prática do esporte.

A inserção da classe trabalhadora no futebol forjou duas posturas tomadas pelas elites: de um lado estavam os defensores do amadorismo que repudiavam esta inserção e que, ao não conseguirem frear a participação das classes trabalhadoras no esporte, adotaram a estratégia de não remuneração; de outro, eram oferecidos alguns benefícios como recompensa aos indivíduos que se dedicavam à prática do futebol, o que favorecia a participação daqueles que não poderiam suprir suas despesas com os ganhos do trabalho, em troca de suas habilidades futebolísticas eram oferecidos alguns benefícios como recompensa. Esta abertura forçou aqueles que defendiam o profissionalismo a migrarem do campo para as tribunas, em cargos de gerência dos clubes e ligas.

Com a possibilidade de profissionalização e com a grande aceitação do esporte, o futebol viabilizou um crescimento econômico concreto, tanto das classes trabalhadoras, na

⁴⁰ É através da narrativa de Dennis Lawson – descendente dos fundadores do clube considerado mais antigo do Brasil, o Sport Club Rio Grande – e de outros registros contidos em jornais da cidade de Pelotas que Luiz Carlos Rigo (2004) descreve as formas com que foram disputadas as primeiras partidas sob as regras do futebol no Rio Grande do Sul. O autor faz uma descrição de como aconteciam os “jogos de bola”: “*Nesses encontros festivos promovidos predominantemente por membros da elite social da cidade, os jogos de exibição seguiam-se de comemorações e de conversações informais com explicações e divulgação das regras do novo esporte, o que servia de incentivo para os anfitriões motivarem-se e organizarem seus próprios times nas respectivas cidades.*” (Rigo, 2004, p. 64). Formas de disputa as quais se assemelham as descritas na obra de Leonardo Pereira (2000) ao analisar a introdução do futebol no Rio de Janeiro.

luta por ascensão social, como pelas elites, com uma significativa possibilidade de lucro através do esporte. Além disso, o futebol também assumiu outras funções, como o seu oferecimento para a distração, a disciplinarização dos corpos para torná-los mais produtivos, o alívio de tensões e um controle sobre as ações fora do ambiente de trabalho⁴¹. Com tempo disponível e o incentivo do patronato, o futebol passou a fazer parte da vida de muitas pessoas.

No Brasil, as primeiras iniciativas que possuem mais registros da introdução do futebol estão localizadas em São Paulo, no Rio Grande do Sul, e na então Capital Federal, Rio de Janeiro. Nos primeiros anos do século XX foram fundadas as primeiras associações futebolísticas no Brasil, muitas instituições que já se dedicavam às práticas esportivas e onde foram organizadas iniciativas igualmente incorporando o futebol.

Inicialmente observado por um público reduzido, o futebol começa a atrair a atenção de inúmeros curiosos desta nova “moda”, passando a ser visto em campos pelas cidades. Entre os clubes, a prática do futebol era regulada pelos preços das mensalidades e por outros critérios de associação que geralmente excluía os trabalhadores braçais.

Com o aumento do número de clubes futebolísticos foram fundadas ligas para a regulação das formas de disputa do esporte. Essas ligas eram formadas por representantes dos clubes e logicamente atendiam aos interesses de seus filiados. Tendo como justificativa a não distorção ou modificação dos discursos iniciais da prática futebolística da época – principalmente o divertimento, compor um ideal de juventude forte – as ligas ajustavam seus interesses de modo a impedir a inserção de clubes que buscavam através do futebol benefícios econômicos, por exemplo. Os clubes eram definidos pelos sujeitos aptos a praticar e assistir o futebol. No Rio de Janeiro, por exemplo, conforme mostra Leonardo Pereira (2000), o Bangu era composto por alguns operários da Companhia Progresso Industrial e o Vasco da Gama foi se compondo pelos imigrantes portugueses, alguns donos de pequenos comércios.

⁴¹ O argumento central da oferta do futebol pelas diversas associações levava em conta a diversão de seus adeptos. Frente aos diferentes rumos que o futebol foi tomando, os discursos sobre a prática do futebol foram se pulverizando e ficando mais heterogêneos. Essa heterogeneidade dependia dos locais e por quem o esporte era praticado. No Rio de Janeiro, por exemplo, os discursos gerados a respeito das melhorias na preparação física dos praticantes de futebol encontrados nos muitos jornais pesquisados por Leonardo Pereira (2000) enalteciam os benefícios para os jovens filhos das elites. O autor também mostra através de atas de reuniões como no caso do Bangu Athletic Club, um time de fábrica, a oferta do esporte iniciou-se pela diversão dos empregados especializados, estrangeiros em sua maioria. Entretanto houve uma abertura mais rápida para os demais operários que posteriormente transformou os benefícios dos corpos atuantes no esporte para além da melhoria física, possibilitando um controle sob seus empregados e uma produção da força de trabalho mais eficaz.

A partir dessas considerações históricas é possível perceber como o futebol foi ganhando adeptos. A imprevisibilidade, a excitabilidade, a sociabilidade, são características que tornaram este esporte atraente e de fácil aceitação⁴². Nesse momento faz-se necessário tentar entender as transformações na dinâmica daqueles que se envolviam com o esporte de uma forma mais contemplativa, ou seja, os assistentes.

2.2 Da popularização à espetacularização

Com sua grande aceitação e conseqüente popularização, acontece uma especialização nas formas de administrar o futebol no final do século XIX e início do século XX⁴³. As associações esportivas começam a incorporar o futebol às suas práticas; há o surgimento de clubes exclusivos para a prática de futebol; das ligas locais às ligas nacionais são promovidos campeonatos entre futebolistas; são inúmeras formas de organização criando novos arranjos e formas de envolvimento. Como a prática possibilitava a participação de 11 jogadores em uma partida e tendo em vista o grande número de pessoas que eram atraídas pelo esporte, o número de pessoas assistentes em um jogo cresce com o tempo. As partidas de futebol eram como exibições feitas a um público que desconhecia o “esporte bretão”. As aglomerações em volta dos campos de futebol cresceram com o tempo sendo exploradas e planejadas de forma a acomodar os assistentes. O esporte passa de popular a espetacular, e o vocábulo espetacular vai se tornando uma adjetivação legítima para descrever o futebol e outros esportes.

Antes do século XX, o espaço que rodeia um campo de futebol inicia-se por linhas mal definidas – ou definidas de uma outra forma –, árvores, assentos improvisados, mesclando aquele que assiste e aquele que joga. De uma sociedade industrial que, por um

⁴² É importante destacar que, de certa forma, esporte e sociedade não estavam e ainda não estão dissociados e a grande aceitação tanto do futebol como de outros esportes não se deu ao acaso, tampouco sem qualquer incentivo. Uma compatibilidade entre aceitação e investimentos tornou o futebol popular. Evidentemente, o futebol não representava nenhuma grande descontinuidade com alguns valores da sociedade, existindo um controle parcial das ações dos jogadores (contidas na figura do árbitro); a pseudo-igualdade de condições não representa necessariamente a igualdade nos resultados dos jogos (triunfo da sociedade democrática); o treinamento e fracionamento da preparação dos jogadores para os jogos; a produção e o afastamento entre perdedores e vencedores.

⁴³ Tendo em vista as relações comerciais inglesas, a difusão do esporte atinge muitos países em uma esfera mundial ecoando para outros continentes. Nos diferentes países onde o futebol se popularizou, tal fenômeno não obedece um período histórico preciso ou uma linha cronológica bem definida, assim como outros grandes marcadores históricos do futebol como o profissionalismo, os movimentos de torcidas. Sendo assim, esses grandes marcos ocorrem em diferentes momentos, com singularidades em cada região, o que, para fins de escrita, descreverei em linhas gerais os processos de popularização e espetacularização.

lado permitia tempo e espaço para o acompanhamento das práticas esportivas, por outro, a propagação dos interesses que moviam um número cada vez maior de pessoas para o campo esportivo ainda era diminuta. Contudo, as práticas esportivas cada vez mais vão fazendo parte das vidas dos sujeitos, fato que contribui para a realização de investimentos maciços do mercado do espetáculo e do lazer.

Pouco tempo depois, existiu uma reconfiguração de espaço (estádios feitos com materiais sólidos, a quadra de jogo como palco central do espetáculo), a valorização crescente das práticas esportivas como mercado em potencial, o “povoamento” e, por conseguinte, a ampliação dos estádios, paulatinamente, vão tornando o esporte um espetáculo acima de tudo lucrativo, massivo e envolvente. Estádios pensados para acomodar milhares de pessoas, onde o *“desejo de deslumbrar a vista é, todavia, mais importante que o próprio espetáculo”*⁴⁴.

Assim como o espaço se transforma, os discursos morais para dar sustentação à derrocada dos antigos espaços se refazem, opondo o seletivo ao massivo, a elite ao popular. Já não tão mais gratuito e como via de “edificação moral”, o esporte é explorado economicamente entrando em contradição com um projeto amador de esporte. Frente a todo um processo de abertura/difusão esportiva nos diferentes meios – cobertura de imprensa, aceitação popular, aumento do número de praticantes – o esporte passou a aumentar as cifras que o envolviam. A mudança que se sucedeu colocou em xeque os valores pregados pelo amadorismo, tais como: gratuidade, certa nobreza e voluntariedade nas manifestações esportivas. Todavia essa tensão entre amadores e profissionais era minimizada por não abalar a estrutura de igualdade e imprevisibilidade geradas pelo discurso esportivo, *“nada que mobilize realmente o espectador, mais interessado pela maquinaria competitiva que pelos detalhes de treinamento”* e pela relação que os atletas estabeleciam com a própria atividade esportiva⁴⁵.

Social, econômico e politicamente, o esporte atraiu visibilidade, legitimidade e possibilidade de ascensão social, na medida em que as classes trabalhadoras passaram de

⁴⁴ (VIGARELLO, 2005, p. 336). Georges Vigarello no capítulo “Estadios: el espectáculo deportivo, de las tribunas a las pantallas” da coleção *Historias del Cuerpo* (2005), faz uma macroanálise de como o esporte foi se tornando espetacular na medida em que criam-se novos ângulos de visão em um estádio, ocorre um vertiginoso aumento na cobertura esportiva, criam-se heróis e formas de atração para identificação com os atores do espetáculo, e ainda ocorre uma especialização nas formas de narrar o espetáculo explorando muitas sensações daqueles que têm contato com o esporte, seja em um estádio ou em sua casa lendo e vendo tudo aquilo que a mídia quer transmitir.

⁴⁵ *Idem*, p. 342.

pouco participantes a espectadoras e, mais tarde, profissionais do esporte. Se num primeiro momento a classe trabalhadora era desprivilegiada no que se refere a assistir às práticas esportivas, passou-se a apoiar sua inserção pela contribuição financeira e, na tentativa de compensar a sua não participação enquanto protagonistas de um espetáculo, incentivando assim a sua participação como espectadora.

Mesmo com toda aceitação e alcance não só do futebol, mas das práticas esportivas como um todo na sociedade, observa-se que a emoção e identificação com as formas atléticas não foram produzidas ao acaso. Além da atração exercida pelo jogo em si, existem construções que potencializam e amplificam enormemente o alcance da aceitação do campo esportivo⁴⁶. A partir do início do século XX os relatos por parte dos meios de comunicação giram em torno da espetacularização dos esportes, ou seja, novas formas de contar, enaltecer, produzir sentidos para as práticas esportivas e formar *heróis*. Há então uma especialização dos meios de comunicação, destinando maiores espaços, atenção e investimentos no esporte. Buscar um fato novo, até mesmo criar um fato novo, acerca de um evento esportivo, torna a empresa de comunicação mais conectada com o espetáculo e seus atores. Contribuindo para a expansão da imprensa esportiva, a velocidade de informação e a minúcia nos detalhes, legitima seus discursos e cria uma indissociabilidade entre imprensa e práticas esportivas.

Com o alargamento da função de comunicação da mídia no campo esportivo, os fatos e feitos dos heróis impressionam não só por suas exhibições *in loco*, nas arenas esportivas. O que a imprensa esportiva narra são mais que demonstrações de domínio de técnica, potência muscular, capacidade de concentração ou destreza motora. As condições de possibilidade para se conseguir alcançar resultados e técnicas, dão formas e ares mais notáveis aos heróis⁴⁷. Nas descrições midiáticas, o que compõe um jogador não se limita aos seus treinos, composição física, ou intencionalidades com o esporte, há toda uma esfera emocional e criativa envolta por sua condição de vida, possíveis impedimentos – sejam eles de ordem física ou mental – para atingir o desempenho campeão, além de outros

⁴⁶ O autor do livro “Elogio da beleza atlética”, Hans Ulrich Gumbrecht (2007) centra sua análise nas diferentes formas de atração que o esporte, os jogadores e suas marcas e corpos geraram e continuam a gerar – da Grécia Antiga aos esportes atuais – nos sujeitos assistentes.

⁴⁷ Sem negar a contribuição da figura feminina na constituição do campo esportivo, é somente depois de muito tempo que a mulher se torna protagonista de grandes marcas e fatos, a heroína. O esportista realiza feitos que podem ser comparados a algo mítico, algo que alguém comum não poderia alcançar, por isso a figura do herói surge para solidificar o desempenho do atleta.

elementos que possam multiplicar as qualidades e talentos informados, difundindo mais e melhor as notícias reportadas.

Os resultados podem produzir heróis extremamente atraentes para além da esfera esportiva. Os investimentos não só expressam maneiras de treinar, produtos para vestir, assim como nações a representar. É usada a idéia de que um herói representa, expressa, simboliza a nação de onde ele vem e os avanços que dela provém, bem como suas competências nas diversas esferas da vida.

Feita a problematização de uma macro-história que pode estender-se às mais variadas práticas do campo esportivo, o futebol assume um papel importante no que refere à sua inserção na vida cotidiana das pessoas. Mesmo que a prática do esporte não se efetivasse por grande parte da população, existiam outras formas de compartilhamento e participação nesse campo. No futebol, como o número de jogadores era limitado, muitas pessoas não poderiam jogar, mas apenas observar, fato que deve ser considerado ao pensarmos em como as pessoas se envolviam com esse esporte. A identificação com os jogadores/atores não pode e não deve ser pensada desvinculada dos processos de popularização e espetacularização do esporte aqui problematizados. De certa forma, a identificação com esses protagonistas subsidia a popularização e posterior espetáculo.

É possível partir agora para uma análise de como a aceitação do futebol – como fenômeno global e local ao mesmo tempo – contribuiu para a vinculação das pessoas às entidades chamadas “clubes” e como essa relação criou possibilidades novas de envolvimento no campo esportivo, nesse caso, *o torcer*.

3. A criação do ato de torcer: viradas torcedoras, platéia, acompanhamento e espetacularização das torcidas de futebol

3.1 Primeiras marcas do torcer

Espremidos e mal acomodados, crianças e jovens negros e mal vestidos mostravam seu interesse pelo futebol. As legendas publicadas junto das fotografias eram claras: tratava-se de um público que ‘não querendo ou não podendo marchar com o arame da entrada’, fazia o que podia para assistir aos jogos no estádio do Fluminense (Pereira, 2000, p. 58).

Ao analisar uma foto publicada na revista “O malho” do dia 28 de outubro de 1905, Leonardo Pereira (2000) examina a atração que o futebol começou a exercer sobre um número crescente de indivíduos nos primeiros anos de emergência em nosso país, destacando indícios sobre como, quando, onde e para quem o futebol começa a aparecer como um passatempo interessante. A foto em preto e branco representa os limites do estádio citado, mostrando pessoas sentadas ao longo de um muro cumprido e alto e outras no chão. Sem acomodações autorizadas pelos clubes esportivos, de maneira improvisada, esse público acompanhava as partidas do novo “esporte bretão” com “entusiasmo” e “curiosidade”, conforme registraram alguns jornais da época.

No Rio de Janeiro (Pereira⁴⁸, 2000; Toro⁴⁹, 2004), em São Paulo e no Rio Grande do Sul (Damo⁵⁰, 2002), concomitantemente a introdução da prática futebolística nos clubes sociais urbanos que congregavam estrangeiros e a elite local em fins de século XIX, há um aumento significativo no surgimento de pequenos clubes exclusivamente dedicados a organização esportiva em torno do futebol. Estes clubes menores contribuíram para popularizar o futebol entre as classes trabalhadoras e acelerar o processo de profissionalização do esporte⁵¹.

⁴⁸ Sobre o aparecimento do futebol no Rio de Janeiro, o autor faz uma revisão detalhada de jornais cariocas que dão mostras da composição sócio-econômica da platéia dos jogos entre os anos de 1902 e 1914. Consultar especialmente o capítulo: “*Um fidalgo sport?*”.

⁴⁹ Em uma leitura atenta ao trabalho de Leonardo Pereira (1998), Camilo Toro (2004) coloca a importância que os eventos extra-campo (aquilo que estava ligado à assistência dos jogos) assumiam ao dividir as atenções com as ações de jogo nos *matches*: “Principalmente os jornais, nas suas páginas sociais, registravam o jogo de futebol como um evento social – mais do que esportivo – destacando a presença de proeminentes personalidades das elites cariocas entre o público e as finas roupas por elas exibidas.” (p. 10). Para um levantamento da mudança no perfil torcedor no meio futebolístico, consultar especialmente o capítulo: “*O futebol: da platéia fina às torcidas organizadas*”.

⁵⁰ Nessas três referências geográficas, em sua maioria, os clubes sociais que já ofereciam outras práticas esportivas e recreativas como o remo, ciclismo, ginástica, começavam a dar aberturas ao futebol. Arlei Damo, além de explorar a tensão existente pela introdução do futebol nos clubes de elite, traz outras possibilidades criadas pela prática futebolística, como o surgimento de clubes de fábrica e outros jogos menos institucionalizados e mais dispersos, como a “pelada”. Consultar os capítulos “*Bons para Torcer, Bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores*” e “*Gremista ou Colorado*”.

⁵¹ Conforme Leonardo Pereira (2000), esses pequenos clubes deslocavam a atenção dos jogos de clubes mais abastados, como os tradicionais Botafogo e Fluminense no caso do Rio de Janeiro, produzindo um crescente interesse pelo futebol em bairros mais pobres. Isso fez com que fossem criados diferentes tipos de estratégias que aceleraram e outras que tentaram frear a difusão do esporte no país. Um exemplo que demonstra a abertura e o incentivo para a participação de um número maior de futebolistas foram os clubes de fábrica. Entretanto, o favorecimento para a participação dos operários no futebol não significa que havia um projeto para difundir a prática do futebol em espaços fora dos iniciais clubes sociais da elite. Por outro lado, houve a criação de ligas que exigiam critérios para vetar o envolvimento dos clubes da elite com os pequenos clubes, ou clubes ligados à classe trabalhadora.

Freqüentar uma partida de futebol significava para a “alta sociedade” compartilhar um estilo de vida “high-life”, ou ainda, participar de um espaço altamente restritivo tanto econômico quanto simbolicamente, adotando valores, práticas, expressões, oriundos do continente Europeu⁵². A presença nas platéias dos jogos dos clubes “*mais do que uma diversão*”, “*se constituía uma obrigação social*”⁵³ para um seletor público. A atração e a força que o futebol adquiriu nos círculos de famílias distintas e tradicionais que compunham os clubes sociais despertou interesse em comerciantes, empresários e políticos, os quais passaram a contribuir com auxílios das mais diversas ordens para os jogadores⁵⁴.

Especificamente sobre a emergência do futebol na cidade de Pelotas e na região e as relações que ele estabelecia entre os seus adeptos, jogadores e torcedores – época marcada pela tentativa do estabelecimento de relações de proximidade entre os clubes e condizentes com as expectativas morais trazidas pelo esporte –, Luiz Carlos Rigo (2004) observa a freqüente quantidade de empates nos jogos da região sul do Estado do Rio Grande do Sul. O autor cita o exemplo de uma partida ocorrida no ano de 1912 onde, como um gesto de cavalheirismo, um dos times abriu mão da cobrança de um pênalti. Indícios de um futebol que o autor denominou de “futebol de compadres”:

Dentro de campo, local onde a postura corporal e as atitudes pessoais são alvo de olhares e comentários públicos, a preocupação com que as boas maneiras fossem condizentes com os estereótipos de um cavalheirismo eurocêntrico era constante. Nesse futebol entre vizinhos, que se entrava em campo de paletó e que era complementado por jantares, festas e homenagens, as disputas dentro do gramado tinham um estilo singular. [...] O interesse pela vitória já estava presente, mas devia ser controlado, pois ele não poderia, de maneira alguma, servir de pretexto para atitudes vergonhosas (RIGO, 2004, p. 95).

Se com o surgimento dos primeiros clubes de futebol se estabeleceu certo consenso em propagar a prática nas atividades sociais e formar princípios para um projeto de identidade ligado à figura dos esportistas – como o “cavalheirismo” –, a crescente afeição

⁵² As expressões utilizadas nas regras e posições dos jogadores foram por muito tempo grafadas conforme a língua inglesa. Mais do que respeitar o vocabulário materno de uma prática exógena ao país, falar e escrever *match*, *forward*, *penalty*, *goal*, *scratch*, *back*, estimulava um sentimento de pertença à última moda dos *sports*.

⁵³ Pereira, p. 77, 2000.

⁵⁴ Um exemplo a destacar no favorecimento financeiro dos jogadores acontece no ano de 1907, onde “O próprio presidente da República instituía, em 1907, uma taça a ser anualmente disputada pelos selecionados de São Paulo e do Rio, enquanto os diretores da Central do Brasil passavam a dar aos foot-ballers um tratamento diferenciado, cedendo-lhes gratuitamente as passagens para os jogos interestaduais”. Op. Cit. p.78.

aos clubes demonstra uma **primeira virada** no comportamento e nos sentidos assumidos pelo futebol para aqueles que frequentavam as arquibancadas. Conforme noticiado no jornal carioca “Correio da Manhã”, do dia 04 de junho de 1907, citado por Leonardo Pereira (2000, p.79):

Nas arquibancadas, a paixão clubística fazia com que, já em 1907, sportsmen ligados ao Botafogo deixassem de lado a saudação do brilho das disputas para chorar nas arquibancadas as derrotas de seu time, explicitando a existência entre os seus sócios de uma relação muito diferente daquela que fazia deles companheiros de uma mesma luta.

Do acompanhamento dos primeiros jogos aos campeonatos instituídos, organizados pelas ligas de futebol, houve uma passagem de “admiração”, “curiosidade”, para a “afeição”, “interesse” na vitória, sentido que aos poucos vai se aproximando cada vez mais a prática torcedora de tempos atuais. A passagem de divertimento quase desinteressado pela novidade esportiva européia começa a assumir um gosto peculiar nesses atores que permaneciam nas arquibancadas. Nesse “futebol de compadres” já era possível perceber uma participação mais ativa dos atores fora de campo⁵⁵, ou a torcida, através de sons, aplausos e até mesmo as vaias. A adoção de pequenos enfeites para indicar a identificação com um dos clubes envolvidos em uma partida também era uma prática que já era bastante constante.

A partir dos anos de 1920 e 1930, concomitante a modernização dos principais centros urbanos brasileiros, o futebol torna-se uma prática cultural presente no corpo social da maioria das médias e grandes cidades brasileiras. Em função do alargamento social da prática futebolística, o período foi marcado por conflitos ideológicos e estruturais dentro do futebol, entre os defensores do amadorismo e os simpatizantes do profissionalismo, que na época era caracterizada por oferta de empregos, por pagamento em quantias avulsas de dinheiro e por uma série de outras retribuições materiais oferecidas aos jogadores⁵⁶.

⁵⁵ Utilizando a classificação proposta por Luiz Henrique de Toledo (2002) que divide os atores que compõem o futebol profissional em profissionais ou jogadores, dirigentes, especialistas e torcedores, daqui em diante estarei referindo como torcedores, ou os sujeitos que compõem uma torcida, à participação daqueles “que impõem ao futebol ‘a circularidade das emoções’, importando-se sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos” (Toledo, citado por Damo, 2005, p. 39).

⁵⁶ Sem negar a contribuição historiográfica dos estudos sobre o profissionalismo do futebol que privilegiam as fontes empíricas do eixo Rio - São Paulo, Luiz Carlos Rigo (2004) destaca micro-acontecimentos que anunciam a entrada do regime profissional nas relações entre jogadores e clubes em períodos anteriores e posteriores ao ano de 1933. A preocupação demonstrada pelo autor se refere em tornar essa reunião como o marco único oficial do profissionalismo que se dá pela realização de uma reunião entre representantes do futebol de Rio de Janeiro e São Paulo onde os defensores do profissionalismo fundam a Liga Carioca de

Este novo futebol, que se configura nos embates do amadorismo com o profissionalismo, chega também na cidade de Pelotas. Além da controvérsia quanto ao profissionalismo ele registra também uma presença maior do público “torcedor”, tanto a categoria de sócios como não-sócios do clube, como ilustra, por exemplo, uma chegada da delegação do Brasil no porto da cidade de Pelotas em 1920. Ao regressar de um campeonato inter-estadual no Rio de Janeiro entre Fluminense, Paulistano e Grêmio Esportivo Brasil, os jogadores deste último são recebidos no porto de Pelotas por um grande número de torcedores (Revista “Brasil Gigante”)⁵⁷.

3.2 Torcer Coletivamente

Uma **segunda virada** na prática torcedora acontece com a organização de pequenos sub-grupos dentro dos grupos de torcedores que iam aos estádios. Inicialmente são denominados de torcidas “uniformizadas”, os quais, posteriormente, dão origem ao que hoje se conhece por torcidas organizadas. Estes sub-grupos específicos de torcedores instituem outras formas de envolvimento com os clubes e também um modo diferenciado de torcer e se manifestar durante os jogos. Uma destas formas diferenciadas está na iniciativa de levar as “Charangas” para dentro dos estádios. Conforme Luiz Henrique de Toledo (1995) elas começaram a aparecer na década de 1940. O autor destaca como um marco das “Charangas” o episódio de 1942 quando:

(...) um funcionário federal no Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa Charanga, uma banda musical que animava os jogos do time [...] Naquela cidade este torcedor foi o primeiro a equipar os simpatizantes de um determinado clube com uniformes e música.

Lançando mão de uma rica fonte de dados que contribuem para compor a historiografia sobre o clássico Bra-Pel, o livro “*A história dos Bra-péis*”(AMARAL &

Futebol. Sugerindo indícios de relações profissionais, ou muito próximas de um profissionalismo, o autor destaca, entre outros episódios, a conquista do Campeonato Carioca de 1923 pelo Vasco da Gama e a presença de um renomado goleiro paulista no quadro de jogadores do E. C. Pelotas anunciada após a derrota na disputa em um jogo com o G.E.Brasil por 4 x 0 em 1919. No caso carioca, o Vasco foi campeão “*com uma equipe formada por mulatos e mestiços, lançando mão de gratificações econômicas*”(p.132). Já a participação do goleiro paulista Tufy no E.C.Pelotas é lembrada pela condição de um jogador de destaque se deslocar para jogar no interior do Rio Grande do Sul.

⁵⁷ Revista publicada em 1970 com quatro volumes registrando grandes acontecimentos do clube. O campeonato inter-estadual reuniu os campeões dos torneios regionais de 1919 do Rio de Janeiro – o Fluminense –, São Paulo – o Paulistano – e do Rio Grande do Sul – o Brasil – sendo realizado no Rio de Janeiro.

OSÓRIO 2008)⁵⁸, dá pistas de uma passagem de sujeito “assistente” para sujeito “torcedor” nos clubes de Pelotas tenha ocorrido na década de 1930. No ano de 1932, especificamente, tem-se o registro de que um grupo de torcedores do E. C. Pelotas tenha criado a expressão “Yu-rá-ré, Casaca, Casquinha” verso que segundo determinados registros, se constitui em um dos primeiros gritos de guerra repetido coletivamente pela torcida do clube.

Além das "Charangas" e dos gritos de guerra, a vestimenta é outra característica que pode ser considerada como marca dessa **segunda virada nas formas de torcer**. Produtora de identificação entre o grupo e os diferenciando dos demais, a vestimenta reforça o sentimento de pertencimento ao clube e à torcida do mesmo. Identificação que aos poucos passa a se tornar uma referência, a camiseta vira um símbolo e, para alguns grupos, um uniforme para ir aos estádios⁵⁹.

4. Opções clubistas: as formas xavantes de torcer

Após a identificação das primeiras formas de relacionamento entre clube e seus associados, é possível perceber ao longo de diferentes processos históricos a constituição de éticas clubistas no país, principalmente compostas por distinções de classe econômica, raça e etnia. A aproximação de indivíduos aos clubes se dava pela liberação ou restrição de jogadores e associados. Contribuía para a definição do público envolvido com os clubes, por exemplo, a aceitação ou proibição de jogadores negros⁶⁰. Assim o futebol, mais que disputas dentro do campo de jogo, construía uma idéia de coletividade onde os indivíduos

⁵⁸ O livro de autoria do jornalista Sérgio Augusto Gastal Osório e do historiador Mário Gayer do Amaral é composto por uma série de registros que não resultam apenas de uma trabalhosa consulta em jornais. Além das fichas com escalação e resultados de todos os clássicos disputados até 2006, existem relatos de experiências presenciadas pelos autores-torcedores, contando histórias que não possuem lugar nas páginas de um jornal. Através das relações pessoais com outros torcedores, os autores revelam uma série de histórias que por vezes pertencem e ficam restritas a um núcleo particular de torcedores.

⁵⁹ Peter Stallybrass (1999), em seu “Casaco de Marx” trabalha com a idéia do valor simbólico que roupas, objetos, adquirem através de seu uso. São marcas e memórias muito particulares que os objetos carregam para seus donos, e, no caso do futebol, instituem acessórios quase indispensáveis para se frequentar um estádio.

⁶⁰ As Ligas de Futebol no início do século XX eram as entidades responsáveis por organizar as práticas futebolísticas. Gestoras do futebol, através de regulamentos decidiam as condições para seus filiados para disputas de campeonatos. Arlei Damo (2002), mostra o tencionamento racial existente em Porto Alegre entre a Liga Metropolitana e a Liga Nacional de Foot-ball Porto Alegrense, esta segunda conhecida também por Liga dos Canelas Pretas. Através dos relatos orais, Silvio Ricardo da Silva (2005) traz um acontecimento no Rio de Janeiro onde a Liga local proíbe a participação do Clube de Regatas Vasco da Gama nos campeonatos alegando a falta de campo próprio para os jogos do clube. A outra versão apresentada seria a presença de negros no time.

se sentiam pertencentes a um clube ou de alguma forma representados por ele. Produziam-se, assim, relações que compunham uma identificação dos sujeitos para com o clube, e do clube para com os sujeitos⁶¹.

A relação entre amadorismo e profissionalismo é outro embate que pode dar sentido à preferência clubista nas primeiras décadas de prática futebolística e assim compor uma rede complexa de significados das identificações entre os torcedores e clubes. Utilizando o mapeamento feito por Luiz Henrique de Toledo (1999), onde o autor identifica três fases para o deslocamento em direção ao profissionalismo, a busca por ganhos de toda ordem nessas fases que cada vez mais especializaram o futebol, tornou o esporte sobretudo lucrativo e um meio de ascensão social. Ainda é possível observar nas referências do mesmo autor o encobrimento de atitudes extremamente competitivas e geradoras dos mais diversos ganhos no lado dos “amadores”. Mesmo que controlados, os interesses políticos, econômicos e pessoais que envolviam uma partida de futebol contribuíram para uma relação de estreitamento entre clubes e seus associados.

Diante das múltiplas opções que cada sujeito faz, a opção por torcer por um clube de futebol – preferência clubista – tem interferência direta na sua constituição. No Brasil, os investimentos para a adoção de uma preferência clubista começam nas fases que antecedem mesmo o nascimento de bebês. Os pais planejam ainda em fase uterina as preferências dos filhos, mesmo que isso, passadas as fases iniciais da vida da criança, não seja garantia de êxito.

Todavia, essa preferência clubista não obedece a um único critério. As opções feitas por um sujeito que está localizado em diversas instâncias sociais como classe econômica, gênero, raça, etnia, geracionalidade, afetam diretamente a socialização inicial feita pelo grupo de convívio familiar. Poderíamos pensar, por exemplo, em sociabilidades produzidas por outros afetos, como as amizades, que também estão localizadas e organizadas tendo em conta essas diferentes identidades clubísticas.

Na atualidade, o ato de se dizer torcedor de um clube de futebol é uma das poucas situações em que a referência de permanência **ser** não foi abalada. No futebol continuamos

⁶¹ É necessário destacar e tensionar minimamente esse passado enobrecedor de alguns “clubes do povo” como distinção dos “clubes de elite”. No caso da composição do quadro de jogadores com negros, simplesmente tal aceitação não demonstra que estavam isentos de sofrerem algum tipo de discriminação. Principalmente pensando na consolidação de clubes e na destacada habilidade técnica futebolística de alguns negros, talvez, o racismo que marcou profundamente as primeiras décadas de futebol tenha ficado menos evidente.

a nos definir como: sou Flamengo, sou Corinthians, sou Grêmio, sou Internacional, sou Xavante. Essa escolha é tão significativa que se por algum motivo houver troca de opção, o torcedor receberia logo o rótulo de traidor, de “vira-casaca”.

Juntas, as opções clubísticas forjam uma memória coletiva que supõe uma certa área de circulação dos discursos sobre o passado. Daqui em diante, a idéia central é analisar como o envolvimento emocional de torcedores de futebol com os clubes é afetado e toma corpo dentro e fora do estádio. Pode-se dividir em duas categorias:

1 – formas de manifestação: diz respeito à ocupação dos espaços dentro do estádio, o comportamento e as atitudes adotados durante os jogo.

2 – formas de envolvimento: diz respeito às relações estabelecidas dos torcedores com o clube e entre si.

4.1 O jeito Xavante de torcer

Torcer, ser apaixonado, se dizer torcedor, várias são as formas de expressar a aproximação com um clube de futebol. Este apreço clubístico pode ser um tanto distanciado, assim como pode tender para o lado de uma militância incondicional. Arlei Damo (2002, 2005, 2007) teve a preocupação de analisar as relações entre clube e torcedor elaborando a idéia de “pertencimento clubístico”: *“Ela especifica no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela freqüência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional”* (2007, p. 52). O torcer, de agora em diante será entendido como ato, expressão do pertencimento clubístico ou da simples aproximação momentânea com o clube.

Para os freqüentadores de um estádio, o **torcer** é expresso das mais diferentes maneiras tendo como objetivo produzir efeitos no jogo. Xingar, entoar cantos, bater palmas, gritar, soltar foguetes seriam dimensões sonoras do torcer. Bandeiras, papéis picados, sinalizadores, movimentos com partes do corpo seriam as dimensões visuais.

Um indivíduo torna-se um **torcedor** quando se identifica com um clube de futebol passando a compartilhar sentimentos, memórias, histórias, valores em comum com o clube e com outros indivíduos torcedores.

É através da vitória que os torcedores de um clube podem satirizar os torcedores de outro. É também através de vitórias que os clubes vencem disputas, sagram-se campeões,

aprecem na mídia, aumentam a sua torcida e conquistam mais espaço no "sistema futebolístico"⁶².

O estádio é o micro-cosmo onde são travadas essas disputas simbólicas que são decorrentes das disputas corpóreas. Existe um movimento duplo entre as ações dentro do campo de jogo e as ações que esperam ou almejam atingir no campo de jogo. O **ato de torcer** seria essa ação que busca produzir algum efeito dentro desse campo de jogo.

Enquanto um pesquisador-torcedor participante, estive num duplo movimento de estranhamento e de familiarização constante. Revisitei o estádio Bento Freitas inúmeras vezes, estive presente durante os jogos e, posteriormente, compondo os diários de campo, tentando me familiarizar e me estranhar com aquilo que insistia em se tornar familiar, os jogos, os rituais, as atitudes dos torcedores xavantes.

Para descrever, reconstituir e analisar como um sujeito se torna torcedor de um clube de futebol, e como ele se manifesta nos dias de jogo do seu time, entro nesse estado de revisitação ao estádio pesquisado e transformo-me em outro. Um outro que abstrai da experiência apre(e)ndida e tenta olhar as imagens que reverberam no pensamento através de registros de observações de fotografias, vídeos, falas informais com os demais torcedores, como se fossem visitadas pela primeira vez.

Aprender a ouvir, aprender a ver, aprender a observar, aprender a sentir, aprender a torcer. Depois, desaprender tudo e reaprender tudo de novo. É neste constante enfrentamento diário que o desafio de trabalhar a idéia de **ser ou se tornar um torcedor** é colocada nesta parte do trabalho. Não é necessário saber o que é mais fácil ou mais difícil: familiarizar-se com o estranho ou estranhar-se com o familiar.

Assim, cabe ainda falar um pouco sobre o torcer dos xavantes, que pode não ser só próprio deles, mas esteve expresso pelos xavantes. Assim como a posição assumida durante esse trabalho, o estudo das práticas culturais é tomado em um momento específico de observação e as descrições feitas do objeto de pesquisa representam práticas que foram construídas historicamente.

Estas formas de manifestação foram identificadas durante o trabalho etnográfico através da metodologia da Participação Observante (Löic Wacquant, 2003). Este

⁶² "Sistema futebolístico" é um conceito utilizado por Carmem Rial (2008). A autora se utiliza do conceito de campo de Bourdieu para definir "o sistema futebolístico" como um sistema que engloba o "campo futebolístico" propriamente dito, onde ela insere as diversas práticas do futebol, o "campo jornalístico" e o "campo econômico", (2008, p. 23).

acompanhamento também foi feito durante viagens em jogos em outros estádios que não o Bento Freitas, no entanto, em um primeiro momento a referência do estádio em Pelotas servirá na descrição das diferentes formas de manifestação de sujeitos que compartilham do sentimento comum de pertencimento ao Brasil.

O trabalho de campo compreendeu o período de treze meses, de agosto de 2007 a setembro de 2008. Durante esse período o clube participou da Copa Paulo Rogério Amoretty no segundo semestre de 2007; do Campeonato Gaúcho no primeiro semestre de 2008; e do Campeonato Brasileiro da Série “c” no segundo semestre de 2008.

Os três campeonatos citados ocorrem normalmente nos períodos referidos, ou seja, Campeonato Gaúcho no primeiro semestre do ano e os outros dois no segundo semestre. Exceto a Copa Paulo Rogério Amoretty⁶³ que tem a inscrição isenta de critério técnico, nos outros dois campeonatos a participação das equipes é relativa ao desempenho do último campeonato realizado. Por exemplo, no ano de 2010 o Brasil não participará do Campeonato Gaúcho da primeira divisão, tendo em vista a sua colocação final entre os dois piores desempenhos do campeonato de 2009, disputando assim a segunda divisão no ano seguinte. O mesmo procedimento acontece com o Campeonato Brasileiro da série “c”. Neste, se o clube ficar ao final da disputa entre os quatro melhores desempenhos é promovido à série “b”. Este campeonato tem seu expoente máximo o Campeonato Brasileiro da série “a”, a primeira divisão nacional obedece à mesma lógica de funcionamento dos demais.

Ainda, durante o trabalho de campo foram coletados cerca de 15 horas de material áudio-visual, aproximadamente 600 fotos, borderôs das partidas⁶⁴ e material de divulgação das ações coletivas dos torcedores. Todo o material foi coletado em dias de jogos (antes, durante e depois das partidas), durante uma ação coletiva da torcida no centro da cidade de Pelotas e em uma reunião feita entre torcedores e jogadores⁶⁵. Foi ainda necessário realizar

⁶³ Envolvendo os clubes da primeira e segunda divisões estadual, a cada ano esta copa acontece no segundo semestre alterando seu nome. Este nome é escolhido em homenagem a uma figura importante no cenário futebolístico profissional do Estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2007, Paulo Rogério Amoretty Souza, foi presidente do Sport Clube Internacional nos anos de 1998 e 1999, havia falecido após um trágico acidente aéreo em julho do mesmo ano.

⁶⁴ Documento que serve para registrar as ocorrências oficiais do jogo. Neste, o árbitro relata as advertências emitidas aos atletas, o placar final do jogo, quais atletas atuaram na partida, o público presente, a receita da partida, a condição do estádio, a conduta do policiamento e dos funcionários das equipes. A Federação Gaúcha de Futebol disponibilizava este documento através do site: www.fgf.com.br.

⁶⁵ Ação coletiva da torcida visava a venda de pacotes de ingressos para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C de 2008. Pouco tempo depois foi realizada uma reunião entre torcedores, jogadores e comissão técnica antes da disputa do mesmo campeonato. Nesta reunião, três torcedores discursaram em tom bastante

registros periódicos das observações na forma de um diário de campo. Nesse diário de campo, havia relatos dos jogos “dentro” e “fora” de “casa”, viagens com os torcedores, pequenos comentários torcedores que chamavam atenção e anotações sobre material publicado nos meios de comunicação – mídia impressa, televisão e internet. Duas entrevistas já descritas na primeira parte do trabalho também foram importantes no levantamento dos dados, assim como conversas informais com os torcedores. Além disso, foram pesquisados os jornais locais Diário Popular e o Jornal Opinião Pública de 1946 a 1950⁶⁶.

Na maior parte do trabalho de campo, meu acompanhamento com os torcedores deu-se através da inserção junto a um grupo mais fluído se comparado com outras tipologias aplicadas aos torcedores – uniformizados ou organizados. A aliança comum deste grupo de torcedores residia na participação dos sujeitos em um fórum de discussão pela internet, o “Fórum Xavante”. O fórum destes torcedores era constituído por categorias heterogêneas de torcedores: torcedores sem nenhum tipo de filiação oficial ao clube, sócios, conselheiros do clube, integrantes de torcidas organizadas. Talvez, pelos valores negativos carregados historicamente pela figura das torcidas organizadas os torcedores participantes do “Fórum” faziam questão de negar a sua inserção no clube como alguma forma que lembrasse uma torcida organizada⁶⁷.

O estádio Bento Freitas, nome do estádio do Grêmio Esportivo Brasil, possui quatro entradas para torcedores e, se necessário, uma destas entradas é utilizada pela “torcida visitante”⁶⁸. Destas, três possuem entrada diferenciada conforme a divisão dos torcedores

emotivo demonstrando sua afeição ao clube. No imaginário torcedor, a conversa seria utilizada como forma de incentivo aos jogadores que haviam sido contratados para a disputa do referido campeonato, os quais reverteriam o engajamento emocional das palavras proferidas dos torcedores em ações dentro do campo de jogo com o objetivo de alcançar um desempenho satisfatório durante as partidas.

⁶⁶ Criado em 1911 o jornal Diário Popular é atualmente o jornal de maior tiragem da cidade, durante o período pesquisado, este dividia o total de tiragens com o jornal Opinião Pública. Este último, também inicia suas atividades no ano de 1911, mas acaba extinto em 1962. Outros onze jornais ajudaram a informar os acontecimentos da cidade desde o início do século XX, mas apenas um esteve em atividade entre os anos de 1946 e 1950, o qual, por critério de pequeno alcance da tiragem foi desconsiderado nessa pesquisa. A seleção que compreende os anos de 1946 a 1950 se deu pelo episódio da criação do termo Xavante, já discutido em capítulo anterior.

⁶⁷ Este fórum de participação dos torcedores pode ser acessado em: www.forumxavante.com.

⁶⁸ Pela localização geográfica ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Pelotas é uma das poucas cidades do sul do estado a possuir clubes de futebol disputando a primeira divisão do campeonato estadual. Durante o campeonato gaúcho do ano de 2008 as sedes dos clubes mais próximos estavam localizadas a cerca de 250 quilômetros de distância, na capital do estado Porto Alegre, o que dificultava o acesso de torcedores de outros clubes ao estádio Bento Freitas. Ainda é necessário ressaltar uma tradição em acompanhar os clubes em jogos “fora-de-casa”, pois mesmo nos jogos em outras cidades, durante a pesquisa vários torcedores do Brasil faziam questão em acompanhar o clube. Sobre essa tradição, Cláudio Andrea

feita pelo clube: torcedores, com acesso às arquibancadas; sócios, com acesso às arquibancadas; e sócios, com acesso às cadeiras sociais. A entrada dos torcedores comuns possui três portões e é onde existe um fluxo maior de pessoas. Já o acesso dos sócios às arquibancadas é feito por um outro portão, embora não exista divisão das arquibancadas destes e dos torcedores “não-sócios”. Já a entrada dos sócios das cadeiras é feita por uma rampa e o local destinado às cadeiras está localizado em um pavimento superior do estádio. Logo depois da entrada desses torcedores no estádio, é possível observar um pequeno portão controlado por um funcionário do clube por onde os sócios das cadeiras podem ter acesso às arquibancadas, já o movimento contrário não é possível.



Figura 01: Em primeiro plano “cambista” oferecendo ingressos para a partida, ao fundo entrada dos torcedores “não-sócios” no estádio Bento Freitas. Foto registra movimentação dos torcedores pré-jogo de Brasil 3 x 1 Garibaldi⁶⁹, em 30 de setembro de 2007.

O estádio é composto por uma arquibancada que acompanha quase a totalidade do campo. O anel de arquibancada contorna as duas linhas de fundo e uma das laterais do

(2007) comenta que já havia grandes mobilizações para acompanhar o clube já no ano de 1961, e algum tempo depois, um deslocamento que ficou marcado na história do clube, onde por volta de cem ônibus foram até a cidade de Estrela em um jogo importante do clube: “Aí o seguinte. Em 1961 o Brasil não quis entrar por convite no campeonato gaúcho.[...] E com isso nós fomos jogar um torneio no campo do Grêmio, no estádio Olímpico, em Porto Alegre, com Taquara, com outros clubes, pra se classificar para a fase do Gaúcho. Foi tudo concentrado em Porto Alegre, eram 2 turnos, e com isso como o Brasil manipulava, ele que organizava as excursões. Saía da sede, na sede da rua Quinze, nós começamos a ter essa prática, por isso que quando jogamos em Estrela foi fácil pra nós realizarmos essa excursão dos 100 ônibus, porque a gente já tinha know-how através desse... 61, tu vê, Estrela foi em 77. E naquela oportunidade, no primeiro jogo que fomos jogar em Porto Alegre nós levamos uma torcida muito grande” (p.4).

⁶⁹ Associação Garibaldi de Futebol, localizado na cidade de Garibaldi norte do Estado do Rio Grande do Sul, disputava a segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

campo de jogo; a outra lateral do campo de jogo é cercada por uma arquibancada que começa na linha de fundo indo aproximadamente até um pouco antes da linha central do campo. Situadas acima dessa arquibancada ficam as cadeiras dos sócios, e ao lado uma outra arquibancada pequena onde na parte superior estão as cabines destinadas as empresas de rádio e televisão.



Figura 02: Visão da arquibancada ao campo de jogo. Registro realizado no jogo final da Copa Rogério Amoretty em 02 de dezembro de 2007, Brasil 1 x 0 SER Caxias⁷⁰. Ao fundo a arquibancada lateral, à esquerda o pavimento superior onde se encontram as cadeiras sociais, à direita, cabines de imprensa. Apesar do registro do pré-jogo, é possível notar a movimentação torcedora e arquibancada “lotada”.

⁷⁰ Sociedade Esportiva Recreativa Caxias, localizado na cidade de Caxias do Sul ao norte do Rio Grande do Sul, em 2007 disputou o Campeonato Gaúcho da primeira divisão e o Campeonato Brasileiro Série “c”.



Figura 03: Movimentação na arquibancada pré-jogo. Foto registra o deslocamento dos torcedores para ocupar a arquibancada no jogo na primeira fase da Copa Rogério Amoretty. Brasil derrotou o clube Garibaldi pelo placar de 3 a 1 em 30 de setembro de 2007.

Nesta parte do trabalho, o objetivo consiste em trabalhar com as observações-participações feitas a partir da etnografia para entender como é criada a atmosfera do jogo. No que se refere às **formas de manifestação**, as observações possibilitaram dividir os “rituais xavantes” em “antes do jogo” e “durante o jogo”. Este “antes do jogo” não se limita ao dia da partida, para alguns torcedores a antecedência a uma partida pode começar dias antes. O “durante o jogo” está sendo entendido pelos locais que os torcedores ocupam dentro do estádio e como eles se relacionam com os lances da partida.

O que chamo de “atmosfera” do jogo é algo imprevisível. É aquilo que o torcedor não consegue externalizar ao agir, podendo ser gerado por aspectos inúmeros (rivalidades entre clubes e/ou torcidas, comentários dos jogadores, árbitros, técnicos sobre o jogo). A importância do jogo que por valores comuns é definida sem muitas análises prévias.

Conforme já colocado, meu acompanhamento centrou-se em um grupo de torcedores específico, entretanto, foi possível transitar por outras categorias de torcedores e captar outras formas de expressão e envolvimento, principalmente durante a partida. Como dito anteriormente, foi possível dividir as relações entre clube e torcedor em duas dimensões que mantêm comunicação: formas de manifestação e formas de envolvimento.

O que parece estar impregnado na excitabilidade produzida pelo jogo é a vitória do clube. E mais que isso, a produção de significados que os torcedores fazem das ações de jogo. Essas **formas de manifestação** estão ligadas ao grau de excitabilidade que o jogo produz nos torcedores. Por exemplo, o entendimento de que o gol leva a vitória de seu time; um cartão pode deixar o seu time com um número maior de jogadores podendo facilitar a vitória do clube; a relação jocosa que os torcedores travam com torcedores de um clube rival, seja no estádio ou fora dele.

As **formas de manifestação** estão diretamente relacionadas ao grau de excitação da partida, que por sua vez é determinada pela valorização de certas atitudes que são compartilhadas por um maior número de torcedores. Apesar de na maior parte do tempo as manifestações da torcida xavante se transformarem em práticas bem distintas, elas estão estreitamente ligadas aos acontecimentos do jogo.

O gol é o momento no qual existe uma maior excitação por parte dos torcedores. Essa excitação pode ser medida pelo grau de acirramento e rivalidade em disputa. Quanto maior a rivalidade ou dificuldade na busca por um resultado no jogo, maior é o nível de excitação dos torcedores.

Outros lances dos jogos também costumam ser acompanhados com atenção pela torcida, como são, por exemplo, as advertências aos jogadores pelo árbitro com cartões amarelo e vermelho, as cobranças de faltas próximas a goleira, os escanteios e outros lances que oferecem indícios de gols. Indiretamente, algumas ações do campo de jogo são claramente incentivados pela torcida, expressos principalmente através de pequenos comentários individuais ou mesmo manifestações coletivas de contentamento, por exemplo, o drible desconcertante no adversário ou a demonstração de um comportamento mais “viril” em alguma jogada realizada por um jogador de seu time. Essa esfera excitante é abalada e tende para seu lado oposto quando estes lances não acontecem a favor da sua equipe. O pior lance e o menos esperado de todos é o gol da equipe adversária.

Além da relação direta entre os torcedores e ações do jogo, é possível identificar certas diferenciações entre os torcedores nas formas de torcer considerando também os espaços ocupados dentro do estádio, neste caso o Bento Freitas. Próximo à linha central do campo os torcedores assistem ao jogo em pé, cantam, vestem camisetas ou outras vestimentas que os identifique com o clube, carregam bandeiras, alguns fazem parte de

torcidas organizadas e são, em sua maioria, jovens. Nesta parte do estádio, os cantos começam a ser entoados pouco antes ou logo após a entrada dos jogadores em campo.

Grande parte dos torcedores que participavam do “Fórum” e frequentavam o estádio eram encontrados neste espaço, com algumas exceções que transitavam ora na área central, ora nas sociais ou outras partes da arquibancada. Durante os jogos, estes torcedores costumavam ficar próximos ao círculo central do campo onde a demarcação do espaço é mais fluida. É a parte do estádio onde se encontram também torcidas organizadas e uniformizadas⁷¹. Ali, existia uma aglomeração considerável e o posicionamento dependia da ocupação de outros torcedores que se posicionam aleatoriamente ou pela composição de núcleos que faziam o movimento de inchar e diminuir conforme o adversário e os resultados de partidas anteriores do próprio clube.

Esse aumento e diminuição de público parece proporcional às duas variáveis: quanto mais tradicional e tecnicamente qualificado o adversário, maior é a quantidade de público; assim como acontece com bons desempenhos consecutivos do clube, onde desempenho está ligado prioritariamente à vitória. Existe ainda uma terceira variável que relaciona-se com as duas primeiras, as fases de disputa de um campeonato. Observa-se nas fases finais de um campeonato um aumento considerável na quantidade de público presente no estádio.

Este “movimento sanfona” de inchaço e diminuição alcança maiores proporções principalmente neste primeiro grupo de torcedores descrito devido ao número total ser maior se comparado aos demais.

⁷¹ No caso do Brasil, poucas torcidas são efetivamente Torcidas Organizadas, ou seja, possuem um Estatuto Interno, tem sede própria, cobram mensalidade de seus associados, além da inserção coletiva como força política nas decisões tomadas pelo clube. Nessas condições, duas torcidas pareciam estar melhor estruturadas: a “Comando Rubro-Negro” e a “Máfia Xavante”. A identificação feita na maior parte dos agrupamentos torcedores está muito próxima de uma uniformização de indivíduos que possuem vínculos afetivos na forma de relações de amizade, conforme relatou Tiago Bündchen (2007): “[...] o Brasil tem 20, 15 torcidas, um monte de torcidas organizadas. Só que a torcida organizada do Brasil ela é diferente do resto das outras torcidas organizadas. A torcida do Brasil é mais assim, um grupo de amigos que coloca a mesma camiseta e vão pro jogo juntos, sentam no mesmo lugar, colocam uma faixa e tal. Não é aquela torcida organizada como a gente vê em São Paulo, Rio, em Porto Alegre mesmo, que é atuante, está no clube, está cobrando, que não está. Não é aquela torcida que se separa das outras pra poder chamar atenção pro nome da torcida. Torcida organizada do Brasil é isso, um grupo de amigos que se juntam”. (p.10). Já, de maneira oposta estava organizado o “Fórum Xavante”, através de uma sede “virtual”, onde os membros discutiam, entre outros assuntos, estratégias de ações para o favorecimento do clube. Como mobilização política, como muitos membros do “Fórum” passaram a integrar o Conselho gestor do clube, a capacidade de organização e mobilização podem ser comparadas ao de uma Torcida Organizada, exceto a identificação uniformizada nos dias de jogos. Talvez, como forma de retirar a marca negativa carregada na figura das Torcidas Organizadas. Sobre as Torcidas Organizadas do futebol brasileiro em grandes centros urbanos, consultar a obra de Toledo (1996).

O grupo que acompanha o jogo atrás das duas goleiras está dividido em duas partes: os que permanecem em um mesmo espaço durante o jogo e aqueles que migram de uma goleira a outra para poderem sempre ficar do lado campo atacante do clube. Estes torcedores se expressam com xingamentos mais esporádicos e individuais sintonizados com lances do jogo, acompanhando sentado o jogo a maior parte do tempo, ficando em pé no caso de uma jogada de ataque ou no caso do gol a favor do time. Predomina nesse grupo um público mais velho que, para poder acompanhar melhor os ataques do Brasil, costumam ficar sempre atrás do gol da defesa adversária e no intervalo de jogo trocar de lado.

Outro grupo de torcedores fica no que se convencionou chamar de “cadeiras sociais”. Composto por um público mais seletivo – tanto em um sentido econômico como quantitativo – esse grupo dificilmente troca de lugar durante a realização de uma partida, poucas vezes cantam e em menor número vestem camisetas ou outros adereços que possam remeter a alguma relação com o clube. Com acessibilidade restrita ao espaço destinado a essa condição de associação, os sócios das “cadeiras” expressam certa relação de distanciamento ou lidam diferentemente com ações de jogo. Um dos fortes argumentos para explicar esse distanciamento durante a observação do jogo é a presença de inúmeros dirigentes neste espaço. Além de questões éticas e morais, os dirigentes preocupam-se em analisar o jogo para elaborar avaliações fundadas nas posturas técnico-tática, tanto individual quanto coletiva do time em campo. Entretanto, essa avaliação sofre constantes tensionamentos, como por exemplo, no relato de Cláudio Andréa (2007, p.08) ao analisar uma relação um tanto quanto instável entre dirigentes e torcedores:

Tudo depende do resultado, no momento que perde tu és ladrão, tu estás roubando o clube, xingamentos de toda ordem. Por isso, eu acho que o futebol empresa é muito difícil se instalar porque tem essa paixão, esse componente aí que move o futebol. Em que tomamos atitudes movidos pela paixão, impensadas, que não tomaríamos se fossemos dirigente de uma empresa. O dirigente de uma empresa, como é que ele toma decisões? Baseado nos números e na frieza dos números ele toma decisões, não tem o emotivo ali. Enquanto que no futebol quantas e quantas vezes tu tomas decisões que jamais tu tomarias se fosse dirigente de empresa, porque tu estás afundando mais ainda a empresa. E tu és obrigado a tomar essa decisão por pressão da torcida, tu tens que contratar um jogador, o time tem que dar a volta por cima e tudo acontece ao contrário. Tu contratas aquele jogador gastando o que tu não tens e continuas perdendo, e cada vez tu vai mais pro buraco. Isso é o futebol. E a torcida pressionando.

Sem negar a clivagem dos torcedores de ordem econômica neste setor, para além dessa dimensão, os grupos de sociabilidade formados fora do estádio também se

reproduzem dentro dele. Os vínculos afetivos gerados na família, nas amizades e em outras relações, são compartilhados diante dos dispositivos de setorização do estádio. Assim, culturalmente, os espaços do estádio servem também como pontos de encontro para se contar histórias, reencontrar amigos e reunir a família.



Figura 04: “Cadeiras sociais” do estádio Bento Freitas. O registro fotográfico ilustra a pouca externalização do pertencimento clubístico nas vestimentas dos torcedores das “cadeiras sociais” em jogo do Campeonato Brasileiro da Série “c” em 23 de julho de 2008. Brasil 1 x 0 SER Caxias⁷². As cores “vermelho” e “preto” do clube pouco aparecem nas vestimentas dos torcedores.

Entretanto, existe uma grande limitação em como os torcedores manifestam-se dentro do estádio tendo em vista as condições de infra-estrutura e gerenciamento dos clubes. Com as profundas mudanças ocorridas no modelo de gestão do futebol em nível internacional, houve alterações nas estruturas físicas dos estádios afetando diretamente o público que os freqüentava. As alterações nos estádios da Inglaterra foram alvo de preocupação no trabalho de Antônio Cruz (2005, p.87):

Hoje, verificamos uma extrema compartimentalização das arquibancadas, atendendo a um escalonamento de preços que, a princípio, atenderia a todas as gradações sociais, mas que de fato estão fora do alcance de boa parte da torcida, em vista do aumento generalizado dos preços dos ingressos após a remodelação dos estádios. Alguns estádios simplesmente tornaram-se obsoletos no cenário da nova economia do futebol inglês, cujos dirigentes não hesitaram em demoli-los para dar lugar a desenvolvimentos imobiliários ou comerciais, ou até mesmo a arenas modernas construídas já seguindo o modelo do estádio/*shopping center*.

⁷² Em 2008 o SER Caxias disputou o Campeonato Gaúcho primeira divisão e o Campeonato Brasileiro Série “c”.

Além disso, atualmente em jogos internacionais não são oferecidos ingressos sem assentos numerados, ou melhor, não existem setores da arquibancada sem assento. No Brasil (país), em alguns estádios de futebol, os espaços destinados aos torcedores já começaram a obedecer uma forte setorização que demarca quem pode e quem não pode freqüentar aquele espaço, não só pelo preço do ingresso, mas pelo perfil social e interesses procurados em um jogo de futebol. Em sua análise das mudanças estruturais nas quais passaram alguns estádios do país, Antônio Cruz (2005, p.96) cita o exemplo da recente compartimentalização do Maracanã, onde:

cada um possuindo um preço diferenciado e tendo como público alvo diferentes setores da torcida: as cadeiras brancas, mais caras, situadas no meio do campo, direcionadas a um público mais “família”, e aos turistas, em que também é possível a mistura de torcedores de times opostos em dias de clássicos regionais; as cadeiras amarelas, situadas na quina do córner, direcionadas a torcedores de um time que preferem ficar à distância das torcidas organizadas e que possui um preço intermediário; por fim, as cadeiras verdes, situadas atrás do gol, mais baratas e direcionadas às torcidas organizadas.

Em uma escala local, a setorização também expressa um grande distanciamento de hábitos, costumes, gestos e jeitos de torcer dos torcedores. Ainda que compartilhando de um mesmo pertencimento clubístico, com vínculos que tem em comum a associação institucional em uma mesma época – durante o trabalho de campo – e no mesmo espaço – o estádio Bento Freitas –, conforme anotação em diário de campo, os torcedores do clube têm pouca mobilidade dentro do estádio e desconhecem ou tem contatos muito superficiais com algumas práticas de outros grupos da torcida. Segundo comentário em uma conversa informal no dia 23 de julho de 2008, o ex-presidente do Brasil, Cláudio Andréa que sempre freqüentou as cadeiras sociais, *“desconhecia alguns cantos dos torcedores da arquibancada e se encantou com o vídeo feito embaixo do ‘bandeirão’”*⁷³.

⁷³ Esta referência deveu-se a um material áudio-visual produzido através da edição de imagens coletadas durante a realização do trabalho de campo. Repassado a ele dias antes deste encontro em jogo no estádio Bento Freitas, traz um conjunto de registros fotográficos e pequenos vídeos das práticas torcedoras da arquibancada, entre elas o “bandeirão”. O “bandeirão” citado é uma bandeira que fica estendida sobre os torcedores cobrindo verticalmente uma das arquibancadas lateral do estádio e horizontalmente boa parte da mesma, tendo dimensões próximas de 20 metros de largura por 70 metros de comprimento. Geralmente é estendido na “entrada do time em campo” pelos torcedores desta parte da arquibancada, no lado oposto do campo os torcedores presentes nas “sociais” conseguem observar as cores, o distintivo do clube e o nome de torcidas organizadas ao longo do “bandeirão”.



Figura 05: visão dos torcedores das cadeiras sociais no momento que o “bandeirão” é estendido. No campo, momentaneamente os jogadores ficam esquecidos, marcas de um protagonismo torcedor na partida da segunda fase do Campeonato Brasileiro da Série “C” no dia 13 de julho de 2008, onde Brasil ganharia de 3 gols a 1 da equipe J Malucelli⁷⁴.



Figura 06: Sob o “bandeirão” a participação torcedora entoia cantos e imprime ritmo em toda sua extensão. Camisas e chapéus com as identificações do clube são trajes quase indispensáveis na arquibancada. Jogo de 30 de setembro de 2007 onde o Brasil ganhou do Garibaldi em 3 a 1.

⁷⁴ O J Malucelli Futebol está localizado na cidade de Curitiba no estado do Paraná e em 2008 disputou o Campeonato Paranaense da primeira divisão e o Brasileiro da Série “c”. Em fevereiro de 2009, após uma parceria com o homônimo da capital paulista o clube passa a se chamar Sport Club Corinthians Paranaense.

Essa relação diferenciada entre torcedores e destes com o clube é o que poderíamos chamar de **formas de envolvimento**. Muito mais do que posicionamentos ocupados em um estádio, presença física nos dias de jogos ou reações nos lances de jogo, estas *formas* dizem respeito ao relacionamento entre os torcedores e destes com o clube.

Com a participação-observação feita durante a pesquisa, foi possível identificar três categorias de torcedores xavantes: torcedor-festa, observador e distante.

O *torcedor-festa*, ou ainda, o *torcedor-militante*, são aqueles grupamentos torcedores que se assemelham às torcidas organizadas. Como Luiz Henrique de Toledo (1996, p.97) coloca, *um estilo de vida*. Aqueles sujeitos que fazem parte de organizações torcedoras, ou mesmo que procuram no jogo uma “atmosfera” diferenciada. Sobre essa “atmosfera”, Giulianotti (2002, p.97) observa que: “*Para os jogadores e espectadores, um importante estímulo é a ‘atmosfera’ do jogo, especialmente no âmbito profissional: quanto mais intensa a ‘atmosfera’, mais aprazível o jogo*”.

Há fortes indícios que as relações entre esses torcedores e o clube são construídas pelo engajamento no próprio clube. Por exemplo, na nota tomada em uma conversa com o torcedor Tomás Recuero no dia 28 de junho de 2008⁷⁵, relata que começou a participar das ações coletivas da torcida fora do estádio após o ano de 2006. Apesar de usar a referência de alguns torcedores “mais velhos” já conhecidos das “arquibancadas”, desconhecia os torcedores que se envolviam neste tipo de ação.

Tomás também relata que a partir de então ficou responsável pelos cuidados com o “bandeirão” – reforma, transporte e seu alojamento. Entre esses torcedores, muitos começam a manter um vínculo afetivo denso dentro do próprio clube e parecem, a partir dessa relação, criar vínculos mais orgânicos com a instituição.

Richard Giulianotti (2002, p.96) trata dessas relações simbióticas utilizando um termo de Tuan, chamando-as de *relações topofílicas* “*para descrever a profunda afeição das pessoas pelos espaços sociais particulares, ou ‘locais’*”. Estas relações permanecem e são fortemente evocadas por relatos e histórias compartilhadas dos dias dos jogos, na preparação de ações coletivas da torcida, em viagens para o acompanhamento do time, enfim, espaços coletivos onde se produzem memórias de um grupo particular de torcedores que têm na instituição clubística aquilo que os une.

⁷⁵ Participante do Fórum Xavante e conselheiro do clube, estudante, na época com 21 anos, durante a mobilização para a venda de pacote de ingressos para o Campeonato Brasileiro Série C conversamos sobre sua participação nas ações da torcida.

O *torcedor-observador* mantém uma relação de aproximação e afastamento constante com o clube. A presença de público em um estádio de futebol não obedece a um fluxo constante de torcedores, ela é variável por inúmeros fatores, entretanto não é possível descrever a relação deste tipo de torcedor com o clube apenas por sua presença física no estádio. Como destacado anteriormente, o número de torcedores presentes no estádio cresce proporcionalmente com a importância dada ao jogo⁷⁶, todavia esse crescimento momentâneo da torcida não significa a criação de vínculos mais duradouros.

As sensações emotivas, e em alguns casos, físicas produzidas por uma partida do clube em questão, podem deixar marcas profundas, ou, como no caso dos *observadores*, pouco afetarem a vida dos sujeitos envolvidos na torcida. Esporadicamente, este torcedor retoma a sua atenção aos interesses clubísticos e entra em contato com outros torcedores no compartilhamento de experiências futebolísticas, seja no estádio ou fora dele.

O *torcedor-distante*, ou *torcedor-consumidor*, parece estar muito próximo daquilo que Richard Giulianotti (2002) descreveu como “*pós-torcedor*”⁷⁷. Esta categoria de torcedor mantém distanciamento e posicionamento crítico com relação a outros torcedores e ao próprio clube. O autor trabalha com a idéia de torcedores da nova classe média européia, com bom nível educacional e poder aquisitivo, compondo grupamentos torcedores mais dispersos e em menor número quando presentes no estádio.

O rótulo de um torcedor-consumidor é bem aplicado a essa categoria torcedora. Com as mudanças no perfil dos frequentadores do estádio, principalmente com a nova configuração de arenas/shopping, o torcedor mais do que um sócio que possui vínculos muito orgânicos com o clube é tratado como um consumidor em potencial. Cada qual com seus prazeres, liberações e interesses, poderíamos comparar a assistência desse público a uma partida de futebol como quem vai a assistir a uma peça de teatro.

Neste sentido, já há uma forte sinalização desse novo modelo de gestão dos clubes e de torcedores distanciados com a regulamentação, controle e condições infra-estruturais nos estádios do Brasil (país). O recente Estatuto de Defesa do Torcedor (2003), apesar de preocupar-se com questões relativas à violência entre torcedores – historicamente fator que assolava as principais disputas futebolísticas –, lembra mais uma extensão de código de

⁷⁶ Basicamente nas fases finais dos campeonatos, em adversários com notória habilidade técnica ou em acirramentos historicamente produzidos nos confrontos entre dois clubes.

⁷⁷ Especialmente consultar o capítulo 8: “A política cultural do jogo: etnia, gênero e mentalidade do pós-torcedor”.

defesa do consumidor, onde as condições materiais e infra-estruturais oferecidas à presença torcedora no estádio não passam de uma cópia do modelo europeu.

Em outro momento, Rigo e colaboradores (2006) questionaram a viabilidade da total aplicação desse modelo em todos os estádios do país. Analisando a situação dos clubes profissionais da cidade de Pelotas – e talvez uma possível reprodução a outros tantos clubes do interior –, os autores relatam uma desconsideração das peculiaridades dos espaços e das formas de torcer por parte desse Estatuto. As dificuldades encontradas pelos clubes na implementação do Estatuto de Defesa do Torcedor resulta na parcialidade do cumprimento das ações impostas pela lei, entretanto questiona-se *“até que ponto a existência de artigos ignorados não compromete a credibilidade e a própria legitimidade do Estatuto de Defesa do Torcedor.”* (RIGO, et al. 2006, p.235).

Não se trata de eleger aqui uma condição de torcedor mais, ou menos gloriosa. A proposta feita nesta parte do trabalho mostra as transformações e as categorias de torcedor que vem se estabelecendo conforme análise do campo empírico. Mas, afinal o que torna o futebol tão singular na produção de sentidos entre torcedores?

5. Práticas de liberdade exercidas pelo e no futebol

Longe da tentativa de esgotar o assunto desta temática do futebol, o que está em questão são formas singulares de relação com o esporte. É evidente que o **futebol** apresenta uma incrível capacidade de atrair um grande número de indivíduos com gestos e estilos de vida tão variados (classes, gêneros, etnias, geracionalidade). Essa capacidade vem sendo construída desde o estilo “high-life” dos primeiros anos no Brasil, passando pelo operariado, até sua consolidação como esporte das multidões, É também durante a consolidação do futebol durante o século XX que **as torcidas** instituíram a relação bem particular que têm com o esporte.

Desconsiderando os sentidos e efeitos pelos quais os indivíduos se aproximam ou se afastam do **futebol** – futebol de campo, futebol de várzea, futebol de salão, futebol de sete, pelada, futebol de areia e outras reinvenções do futebol – foi possível perceber o alcance que o esporte conquistou ao longo de sua existência moderna. Independente do número de jogadores, das condições materiais em que é praticado, o futebol possui como pressuposto fundamental o uso dos pés (em certa medida outras partes do corpo) e um goleiro (que possui suas liberações e sujeições), onde vence quem faz o maior número de

gols. Este alcance também pode ser analisado pelo número de pessoas envolvidas “fora do campo”, fazendo dele um esporte, acima de tudo, a ser olhado.

Há a possibilidade de encontrar no futebol “*relações de diferenciação, criação e inovação*”⁷⁸ enquanto práticas de liberdade. Onde a liberdade está contida em alguma relação com nós mesmos, nas formas de relacionamento que os xavantes criam com o clube, com os outros torcedores e com o próprio futebol.

Talvez, uma relação que se dê por contágio, em certa dimensão entre o prazer e o desejo encontrado **no futebol**. O que é mais significativo para o grupo e está constantemente sujeito as relações de poder, do clube, de torcedores do clube, de não-torcedores, dos meios de comunicação e outras dimensões da vida que afetam as práticas torcedoras.

6. Referências bibliográficas

AMARAL, Mário Gayer do; OSÓRIO, Sérgio Augusto Gastal. *A história dos Bra-péis*. Pelotas: Sigmus, 2008.

BRASIL. Lei 10.671. *Estatuto de Defesa do Torcedor*, 2003.

CRUZ, Antônio Holzmeister Oswaldo. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2005.

DAMO, Arlei. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

_____. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2005.

_____. *Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

⁷⁸ Página 15 em: FOUCAULT, Michel. *Por uma Vida Não-Fascista*. Coletivo Sabotagem: 2004. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org

- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Por uma Vida Não-Fascista*. Coletivo Sabotagem, 2004. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n.30, p. 21, julho/dezembro de 2008.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.
- RIGO, Luiz Carlos; et al. Estatuto de Defesa do Torcedor: um diálogo com o futebol pelotense. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 223-239, maio/agosto de 2006.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVA, Silvio Ricardo da. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- _____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In: COSTA, Márcia Regina da, et al. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- _____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- TORO, Camilo Aguilera. *O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp/Programa de Pós Graduação em Sociologia, 2004.

VIGARELLO, Georges. Estádios: el espectáculo deportivo, de las tribunas a las pantallas. In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain Corbin; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *Historia del cuerpo*. Vol. 2, (De la revolución francesa a la Gran guerra). Editorial Taurus, 2005.

WACQUANT, Lóic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

7. Fontes orais

ANDREA, Cláudio Milton Cassal de. *Entrevista Cláudio Milton Cassal de Andréa*. Pelotas, 20 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a Luciano Jahnecka. 19pp.

BÜNDCHEN, Tiago da Silva. *Entrevista Tiago da Silva Bündchen*. Pelotas, 20 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a Luciano Jahnecka. 29pp.

8. Outras fontes

JAHNECKA, Luciano. *Diário de campo Xavante*. Julho 2007 a janeiro 2009. Manuscrito, 54pp.

CAMPO DE DISPUTAS: FORMAÇÃO DE MEMÓRIAS EM TORCEDORES DE FUTEBOL

Desde os antigos gregos os feitos e atos dos “heróis” eram rememorados para que não fossem esquecidos, os *aedos*, ao cantarem tais feitos, “traziam” ao presente algumas memórias. Tratava-se de um mito, uma evocação daquilo que poderia ter acontecido. Isso conota uma significação, uma rememoração passada sem se importar com uma verdade, mas preocupada principalmente em não ser esquecida. “No contexto mítico, recordar significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência ordinária do tempo como algo que passa, que escapa e que se perde”⁷⁹.

É por meio desta permanência no presente, que uma memória pode ser entendida neste estudo como um *campo de disputas* em que não existe uma maneira unívoca de compor seus fragmentos. A memória, que é interpelada pela imaginação, pelo desejo, muitas vezes, associa elementos de uma história vivida com uma história desejada, o que na faculdade da memória “a fantasia, a imaginação ou, simplesmente, as opiniões, atuam como mediadoras antes que se arquivem na memória”⁸⁰.

Já em um esforço de reminiscência voluntária, Graciliano Ramos, em sua obra *Infância*, recria e reinventa na narrativa de um conto ao incorporar elementos de sua própria história. Ainda considera necessário afastar ou extinguir algumas experiências por lhe afetarem, surgindo, então, certa dificuldade em se lembrar de exatamente como era o conto. Sugere-se um processo de recriação, através de uma reconstituição deslocada pelo esquecimento de uma experiência reativa ao autor, com a verdade girando em torno do não esquecimento, aquilo que ainda permaneceu.

A memória é permeada por esses elementos – recriação, mito, ficção – que se vinculam ou se confundem com outros como o esquecimento e a repressão. A memória é do passado ao mesmo passo de um tempo presente, é um tempo-perene, constantemente afetada pela repressão, pelo esquecimento, assim como pela experiência.

Através das construções de memórias elaboradas pela torcida xavante foi possível identificar práticas, valores, leis e códigos que formam os sujeitos para atuarem dentro e

⁷⁹ (ROSARIO, 2002, p. 02)

⁸⁰ “La phantasia, la imaginación o, más simplemente, las opiniones, juegan un papel mediador antes de que se archiven en la memoria.” (CANDAUI, 2002, p. 23)

fora de um estádio de futebol. Estes passados que inevitavelmente são retomados no presente, ofereceram a possibilidade de compreensão de um processo de formação de memórias que constantemente afeta as práticas torcedoras, mas que, dificilmente, altera a noção de pertencimento clubístico dos *xavantes*.

Através de um envolvimento diferenciado com o futebol que cria laços afetivos muito densos entre os *xavantes* e o *Brasil*, foi possível dar visibilidade às construções feitas a partir das práticas torcedoras que tiveram em dois componentes centrais o foco de análise: a *fidelidade* e a *violência*. Cada qual a sua maneira, direta ou indiretamente, estes dois elementos são acessados orientando e transformando constantemente um ideal de tornar-se torcedor xavante e de como esse processo de formação do sujeito no grupo é questionado e reinventado de tempos em tempos.

Prova disso, foram as diferentes *formas de manifestação e envolvimento* que os torcedores mantêm com o clube. Apesar da cristalização dessas formas durante a pesquisa, estas foram observadas em um período de tempo específico carregando suas historicidades, mas que eram constituídas dentro de escolhas que os próprios torcedores tomavam ao frequentar o estádio de futebol e entrar em contato com o esporte.

As expectativas que foram construídas por “dentro” do grupo de torcedores revelaram que existem rituais que constroem e formam para a prática torcedora. Admitindo uma diferenciação nas intenções daqueles que encontram no futebol um espaço de sociabilidade cotidiana, os rituais dos torcedores alternam-se quanto sua duração, intensidade e presença nas diferentes formas de relação com o clube e com os próprios torcedores. A pesquisa apontou para uma relação muito mais orgânica e duradoura com o clube, quando por meio desses rituais, a relação entre os torcedores é estabelecida dentro do próprio clube gerando um comum pertencimento e a propagação de práticas que acionam dispositivos que nomeiam quem são ou como se transformar em um xavante.

Este sujeito que se encontra em meio ao envolvimento torcedor, cria modos de diferenciação em se relacionar com o clube e com os outros torcedores por via da formação de memórias. Memórias principalmente experimentadas dentro do estádio do clube, onde “a experiência constitui algo no qual se sai transformado. A experiência constitui uma práxis espiritual ou ascética, ou seja, as transformações que deve experimentar o sujeito

para alcançar outra forma de ser”⁸¹. Essa composição de suas memórias também passa por escolhas tomadas dentro de uma memória social compartilhada pelo grupo.

Enfrentada pelo único limite que é a morte dos indivíduos, a memória social dos torcedores xavantes ocupa um espaço privilegiado para se pensar suas práticas torcedoras atuais. Após a criação de vínculos com o clube, realizadas por práticas cotidianas que se defrontam os sujeitos no estádio, o pertencimento clubístico parece demarcar fortemente o que se esquece e o que não se quer esquecer. Através da ligação entre torcedores e clube, encontrada em uma rede sociabilidade que é constituída dentro do Grêmio Esportivo Brasil, os torcedores se reconhecem como sujeitos torcedores deste clube.

Por fim, cabe destacar a necessidade de melhor analisar os rituais torcedores que fazem parte do universo futebolístico como um todo, ou seja, aquilo que envolve os sujeitos ao futebol. Ou ainda, como os torcedores interagem e produzem certos rituais dentro deste universo, tornando-se, efetivamente, um torcedor.

Um jogo de futebol marcado por uma característica de “imprevisibilidade”, traz, pelas imagens, elementos que não se viu ainda, afinal, no imaginário torcedor, “nenhuma partida é igual à outra”. Em função da atenção às ações do campo de jogo, a frequência a um estádio de futebol é quase uma revisitação a um lugar novo, onde é possível questionar toda vez que se entra: o que *acontece* ou o que *me acontece*? Uma certa relação política e ética, que nos faz produzir memórias e diferenciar imagens que são facilmente esquecidas daquelas que nunca serão.

1. Referências Bibliográficas

CANDAU, Joel. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. O lugar mítico da memória. *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, ano 1, n.1, 2002.

⁸¹ p. 43. ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.